A Internacional

Revista do Comité de Organização pela Reconstituição
da Quarta Internacional (CORQI)

Estados Unidos: resistência operária, resistência democrática

13 de Outubro: Trump asina o "plano de paz Trump" em Charm El Cheikh (Egipto)

Piquete de greve em Oakland (Califórnia), 14 de Outubro de 2025

Manifestação de 18 de Outubro em Minneapolis (Minnesota)

TEORIA

Leon Trotsky e a luta contra o fascismo

DEZ ANOS DEPOIS

Trotskismo e social-chauvinismo, duas vias inconciliáveis

AFEGANISTÃO

Correspondência da Esquerda Radical (LRA)

Nº 40 - Novembro de 2025
4 euros

A Internacional
Nº 40 - Novembro de 2025

ÍNDICE

Crónica

Crónica de alguns acontecimentos mundiais (Setembro-Outubro de 2025 Página 3

Dez anos depois

Trotskismo e social-chauvinismo, duas vias inconciliáveis
por Daniel Gluckstein Página 16

Teoria

O que é o fascismo e como combatê-lo
Selecção de textos escritos por Leon Trotsky (excertos) Página 22

Correspondência

Afeganistão
Bagram, um bocado atravessado na garganta do imperialismo americano Página 28

Documento

Declaração dos Comunistas Internacionalistas de Buchenwald (IVª Internacional) Página 33

História

Comemoração do 80º Aniversário da
Declaração dos Comunistas Internacionalistas de Buchenwald Página 34

Debates

O que é "*Révolution Permanente*" Página 38

A Internacional
Revista do Comité de Organização pela Reconstituição
da IVª Internacional (CORQI)
Director de publicação: Daniel Gluckstein
Editor: Réveil ouvrier
67, avenue Faidherbe, 93100 Montreuil (França)
Tiragem: 3 000 exemplaires
CPPAP : 0623 G 93127

Aviso

A Internacional é a revista teórica e de informação política do CORQI (Comité de Organização pela Reconstituição da IVª Internacional). Aspira a ser um espaço de debate livre no quadro do que são os princípios próprios da IVª Internacional.

Os artigos assinados publicados nesta revista reflectem a opinião dos seus autores. Não vinculam necessariamente a redacção da revista.

CRÓNICA

Crónica de alguns acontecimentos mundiais (Setembro-Outubro de 2025)

"Plano de paz de Trump"? A sério?

No princípio do mês de Outubro de 2025, sob considerável pressão da administração americana, as partes envolvidas nos combates em Gaza — por um lado, o governo Netanyahu, por outro, o Hamas — aceitaram aderir a um plano modestamente baptizado pelo seu principal inspirador de "plano de paz Trump".

O plano compreende medidas imediatas que já se começaram a aplicar: o cessar-fogo e a retirada progressiva das forças israelitas de uma parte significativa de Gaza, designadamente da parte norte; a libertação dos reféns ainda retidos pelo Hamas; e, por parte de Israel, a libertação de centenas de presos palestinianos, a maioria deles detidos sem motivo algum e presos durante meses, ou mais, a fio, sem sequer terem conhecimento das acusações contra eles deduzidas.

Politicamente falando, o plano de vinte pontos não passa de mais um avatar do estatuto colonial imposto à Palestina há mais de um século. Fala-se no destacamento de uma força multinacional de estabilização (já se apontam tropas oriundas de várias potências imperialistas). Fica de fora toda e qualquer forma de representação palestiniana. Anuncia-se a criação de um Comité "tecnocrático e apolítico" directa e oficialmente presidido por Trump, em grandíssima parte composto por personalidades das potências imperialistas, possivelmente animado, praticamente, pelo antigo primeiro ministro britânico Blair.

O plano de paz de Trump "concentra-se em Gaza e não diz nem uma palavra da Cisjordânia. A Cisjordânia em que os colonos multiplicam ataques contra os palestinianos, abertamente na mira de correr com eles. Não diz palavra de alguma solução política. Nem sequer uma vaga menção da "solução de dois Estados", a que tradicionalmente se referiam os textos anteriores.

É o retorno à "Palestina do mandato", uma espécie de estatuto colonial sob mandato internacional sem carácter transitório (se bem que o termo lá esteja). Ora, mal esteja assinado, este acordo fica, em termos práticos, posto em causa por um duplo movimento.

Posto em causa pelo governo Netanyahu, cuja ala mais radical exige a anexação pura e simples da Cisjordânia, anexação que chegou mesmo a pretender pôr à votação do Knesset, o Parlamento israelita, nos dias que se seguiram à adopção do plano. Maneira de fechar toda e qualquer perspectiva, fosse de que natureza fosse, de reconhecimento da soberania

500 mil palestinianos refazem-se ao caminho para o Norte de Gaza (11-12 de Outubro).

>>>

● CRÓNICA

>>> de um Estado palestiniano. Foi preciso Trump e os seus enviados especiais para a região baterem com o punho na mesa para Netanyahu recuar — mas por quanto tempo? A vontade do lado israelita de anexar a Cisjordânia está em consonância com a lógica do sionismo, que não conhece limite algum à sua ambição de expansão a todo o território histórico da Palestina. Reparar-se-á que, no dia 28 de Outubro, Netanyahu mandou reatar os bombardeamentos, que fizeram uma centena de mortos em poucas horas.

Recordemos, por outro lado, que o planos iniciais do imperialismo visavam expulsar completamente a população do Norte de Gaza, pelo menos, ou mesmo de toda a Faixa de Gaza. Há memória, igualmente, dos projectos faraónicos de Trump e família para projectar uma nova "Riviera" em Gaza. Todos este planos foram varridos no espaço de poucas horas pelo movimento, primeiro, de 200 mil, depois 500 mil palestinianos, que retomaram o caminho do Norte de Gaza. Ali, depararam-se com um campo de ruínas: nem uma casa de pé. Porém, o movimento que os traz de regresso "a casa" é o movimento da revolução palestiniana. É o movimento que, desde 1947, leva gerações sucessivas de palestinianos a brandir a chave das suas casas pelo dia em que voltarão. Este movimento de retorno é o movimento histórico da revolução palestiniana, que não desiste nem da sua terra, nem da sua aldeia, nem da sua casa.

Assim, nas semanas que se seguiram à assinatura do acordo de paz de Trump, o beco sem saída que ele na verdade é revelou-se de cabo a rabo: na votação do Knesset e na marcha de regresso ao Norte de Gaza, ficando evidente que soluções que neguem o direito fundamental do povo palestiniano a viver livremente na sua terra estão votadas ao fracasso.

A única solução viável continua a ser a de uma Palestina livre e democrática, laica, em que todos os habitantes possam viver em igualdade, sem distinções de língua, cultura, religião ou falta dela, renunciando a toda e qualquer forma de opressão e discriminação imposta por uma comunidade a outra. Apesar do terrível sofrimento infligido ao povo palestiniano, é essa Palestina que, seja lá como for, acabará por traçar o verdadeiro plano de paz, não apenas para Gaza, mas para toda a Palestina histórica e, além dela, para todas as populações do Próximo e do Médio Oriente.

Ucrânia / Rússia reviravoltas e uma "lógica"

Uma observação superficial das relações do imperialismo americano com a guerra que, há mais de três anos, devasta a Ucrânia, pode dar a impressão de ziguezagues incompreensíveis, atribuíveis à psicologia do presidente dos Estados Unidos.

Há, porém, uma "lógica" por trás das convulsivas posições. Em dez meses, Trump começou por reivindicar deixar de financiar a guerra na Ucrânia que Biden (Partido Democrático) alimentara à força de fornecimentos de armas no âmbito da NATO. Trump encenou a humilhação a Zelensky, desmultiplicando-se em olhinhos a Putin.

Trump conseguiu, deste modo, o que queria, a dois títulos. Primeiro, fazer com que as potências imperialistas europeias aceitassem tomar a seu cargo a quase totalidade do financiamento da guerra. Depois, conseguir que o regime de Zelensky aceitasse a criação do "fundo de investimento ucraniano-americano" que permite a pilhagem da Ucrânia para "reembolsar" aos Estados Unidos 350 mil milhões de dólares, o dobro ou o triplo do valor dos fornecimentos de armas realmente efectuados.

Do mesmo passo, Trump nunca deixou de tentar conseguir um acordo com Putin, servindo-se da cenoura e do pau. Três anos de "economia de guerra" deixaram a economia russa exangue, fragilizando o regime, que só recorrendo a um autoritarismo crescente tem a sociedade "na mão" — dos oligarcas à classe operária, passando pela "oposição liberal" pró-imperialista.

Para Trump, há que dissociar o regime de Moscovo do seu aliado chinês. Assim, quando do encontro entre Trump e Putin de Agosto no Alaska, Trump usou o isco de suculentos "*investimentos conjuntos russo-americanos*" em caso de acordo com a Ucrânia, prometendo a Putin que o deixaria anexar os 20% do território ucraniano que actualmente ocupa.

Contudo, comparecendo, dias mais tarde, ao desfile militar organizado em Pequim, Putin subiu a parada. Trump respondeu ameaçando fornecer a Zelensky mísseis Tomahawk, que permitiriam reduzir Moscovo a cinzas. Por enquanto, Zelensky ainda não conseguiu nenhum dos preciosos mísseis, pois Trump não desiste de tentar chegar a um acordo com Putin, que ameaça com mais sanções.

Por trás destas reviravoltas esconde-se a "lógica" da política do capital financeiro dos Estados Unidos, que Trump representa; "*Quanto me vai custar? Quanto me vai render?*".

Os preparativos de guerra contra a China

A informação publicada no dia 29 de Setembro pelo jornal *Wall Street Journal* passou quase despercebida. Não por não ser eloquente: "*O Pentágono faz pressão pela duplicação da produção de mísseis, tendo em vista um eventual conflito com a China.*" Ela indica que, para o capital financeiro dos Estados Unidos, a próxima etapa da confrontação com a China poderá perfeitamente tomar a forma de guerra directa do imperialismo americano contra aquele país. Até lá, a guerra comercial já vai, pelo seu lado, em bom andamento: "*É nisso que estamos*" (em guerra comercial com a China), reivindicou Trump em finais de Setembro.

Esta preocupação permanente e Washington permite compreender melhor as iniciativas da administração Trump nos quatro cantos do planeta. Fazer reinar a "Pax Americana" nas ruínas de

Gaza, pôr o quintal latino-americano na ordem, procurar chegar a um acordo com Putin, impor a todas as potências da NATO aumentarem as respectivas despesas militares até 5% dos seus PIBs, tudo isto serve para concentrar forças no essencial: a China.

Situando-se nos antípodas de todas as correntes pequeno-burguesas de "esquerda" e de "extrema-esquerda" que sustentam que uma guerra entre os Estados Unidos e a China seria uma guerra "imperialista" dos dois lados, as organizações que se batem pela reconstituição da IVª Internacional observam que a obstinação do imperialismo americano contra a China se prende com a própria natureza da economia planeada. Esta — apesar do que tem sofrido às mãos da burocracia do Partido Comunista Chinês, cuja política atenta contra essa conquista da revolução chinesa — representa para o imperialismo um obstáculo fundamental à sua vontade de se apropriar do mercado chinês e das suas possibilidades e recursos imensos. É exactamente por esta economia planeada escapar ao imperialismo americano que este necessita, a bem ou a mal, de se cevar nesse terreno de pilhagem.

Reveste-se, pois, de grande importância que militantes e organizações operárias de quarenta e um países — não só forças do CORQI —, reunidos em Paris em 21 e 22 de Março últimos, tenham afirmado conjuntamente que "*O genocídio do povo palestiniano, os três anos de banho de sangue na Ucrânia, os massacres na República Democrática do Congo, os preparativos de guerra contra a China, etc., têm, todos eles, a aparência de conflitos separados; na realidade, são facetas de uma única e mesma guerra em alastramento. A marcha para a guerra é consequência de um sistema historicamente condenado, mas que sobrevive: o sistema capitalista.*" Acrescentando o apelo, consequentemente, que nos "*opomos aos preparativos de guerra contra a China, exclusivamente motivados pelos interesses da Wall Street — sem com isso darmos qualquer apoio político ao governo chinês.*" (apelo contra a guerra e a exploração)

Trump em guerra contra o "inimigo interno"

Logo que voltou para a Casa Branca, Trump anunciou ao que vinha. Em menos de vinte e quatro horas, assinou várias dezenas de decretos presidenciais altamente ofensivos contra a fracção imigrante da classe trabalhadora. Desde então, é essa política anti-operária e reaccionária que tem levado a cabo, tanto a nível nacional como internacional, norteando-se exclusivamente pela lógica da defesa dos interesses do capital americano.

No período mais recente, tem-se acentuado o escorregamento para um regime cada vez mais autoritário. A 10 de Setembro, Charlie Kirk, uma das musas da galáxia Trump. foi assassinado a tiro em plena reunião. Nessa mesma noite, Trump publicou uma mensagem em vídeo nas suas redes sociais em que acusava a "*esquerda radical*" de estar na origem da violência política, acrescentando que a "*minha administração descobrirá todos os que contribuíram para esta atrocidade.*" A 30 de Setembro, 800 generais e almirantes americanos foram convocados para se apresentarem presencial e obrigatoriamente na base militar de Quantico (Virgínia) para ouvirem Trump e Hegseth, o seu ministro da Guerra. Trump anunciou que, depois de o ter feito em Los Angeles, Washington e Portland, tencionava mobilizar o exército contra outras cidades americanas. "Vamos pô-las na ordem uma por uma. (...) Também é uma guerra. É uma guerra interna." Uma guerra contra "um inimigo interno, que temos que neutralizar antes que se torne incontrolável". Para Hegseth, "*estamos aqui para preparar o exército americano para a guerra, e isso começa pela* excelência, a *disciplina e a competência letal de cada um de vós. Restabeleceremos as mais rigorosas normas e não toleraremos mediocridade.*"

A 8 de Outubro, Trump reuniu uma mesa redonda sobre o "*meio antifa*" na Casa Branca. A ministra da Justiça, Pam Bondi, prometeu "*destruir a organização*

Trump e Hegseth convocam 800 generais e almirantes para a base de Quantico, Virgínia (30 de Setembro)

>>>

● CRÓNICA

>>> *inteira, da cúpula até à base.*" A 19 de Outubro, Trump ameaçou invocar o "Insurrection Act", uma lei federal de 1807 que autoriza o recurso ao exército para abafar uma revolta interna. Caberia acrescentar a longa lista de tentativas de amordaçar a imprensa e limitar as liberdades democráticas.

A guerra de Trump contra o "*inimigo interno*" não é, porém, a mera marca de uma fractura cada vez maior entre a classe operária e a classe capitalista do país. Dentro da própria burguesia, agudizam-se as tensões entre várias fracções, as que são representadas pelos democratas e as que o são pelos republicanos.

Há vários meses que Trump vem multiplicando provocações, activando o exército federal nas cidades e estados dirigidos por democratas. Chegou a apelar a meter na prisão o presidente da câmara de Chicago e o governador de Illinois, ambos democratas. A escalada pode ir longe, pois não só reacende tensões vivazes entres os dois partidos representativos do capital americano, como põe sob tensão a relação de forças entre o governo federal e os governos estaduais.

Resistência democrática 18 de Outubro: 7 milhões de manifestantes pelos Estados Unidos fora

Entre os acontecimentos que reflectem a rejeição maciça e crescente da política de Trump, citem-se as 2.700 manifestações que juntaram mais de 7 milhões de trabalhadores e jovens pelos Estados Unidos fora no dia 18 de Outubro.

As manifestações, convocadas sob a palavra de ordem "No Kings" (Reis, não!) foram convocadas por grupos políticos e associativos muito variados, muitos deles directamente ligados ao Partido Democrático. As organizações sindicais ocuparam um lugar mais secundário entre os manifestantes, apesar da presença de algumas colunas sindicais. As reivindicações avançadas pelos organizadores limitavam-se a "defender a democracia" em geral, aparecendo questões sociais mais secundariamente. A própria palavra de ordem "No Kings!" concentra na viragem autoritária da administração a rejeição da política de Trump, escamoteando o conteúdo social desta política. Refere um dos nossos correspondentes, do Ujima People's Progress Party, que "*os seus iniciadores se centram na defesa da democracia liberal e do "Estado de direito". Entre os organizadores figuram associações ditas sem fins lucrativos, organizações ligadas ao Partido Democrático e 'influenciadores' de redes sociais financiados por doadores ricos. O objectivo deles é restabelecer a estabilidade de um sistema capitalista abalado pela crise económica e pela agitação popular, não abolir este sistema.*" Isso não impediu que também encontrassem expressão reivindicações de carácter mais social, como se via nas faixas e cartazes que apelavam à defesa do *Medicaid*, que protestavam contra os despedimentos de trabalhadores federais e as deportações de imigrantes pela polícia da imigração — e mesmo de apoio à Palestina.

A classe trabalhadora é hoje o alvo principal de Trump. Ela é atingida em pleno pelas medidas de Trump de carácter nacional, mas também pelas de carácter internacional: a inflação causada pela guerra alfandegária pesa sobre as famílias operárias, que são também quem se trama com a economia centrada na preparação da guerra. E quem mais interesse tem em defender as liberdades democráticas é igualmente a classe trabalhadora, cuja única força reside na sua capacidade de organização.

Porquê, então, a ausência do movimento operário enquanto tal das manifestações, nelas afirmando o seu compromisso na primeira fila da mobilização contra Trump? A resposta põe um problema que não é novo: o da subordinação das direcções do movimento operário — especialmente dos chefes dos poderosos sindicatos americanos — aos partidos do capital financeiro americano, os democratas e os republicanos.

Não cabe negar a força dos 7 milhões de manifestantes do 18 de Outubro, mas tão-pouco se podem ignorar todas as contradições do movimento. Enquanto continuar a aceitar o espartilho do Partido Democrático, o movimento operário organizado não ajudará, com efeito, os trabalhadores e os jovens a encontrarem uma saída séria para a situação em que são colocados. Pior: será um obstáculo a tal saída! A responsabilidade dos dirigentes do movimento operário americano é lançarem as bases para uma ampla frente única operária para organizar a resposta contra Trump e a reacção, formulando a necessidade duma ruptura cerce com os partidos de Wall Street — o que, noutra fase, porá a questão de um verdadeiro Partido Trabalhista (*Labor Party*) assente nos sindicatos.

Resistência operária: porém, as greves multiplicam-se

Se a resistência da classe operária e do movimento operário não apareceu bem no centro das manifestações de 18 de Outubro, nem por isso deixa de encontrar expressão, há meses, nas greves e mobilizações de trabalhadores, na base, com as suas organizações sindicais.

As reivindicações defendidas pelos trabalhadores reflectem uma resistência directa à política de Trump. Enquanto a inflação se agrava e Trump arremete contra os serviços públicos (designadamente cortando 700 mil milhões do orçamento do *Medicaid*, o sistema de seguro na doença), não é por acaso que a maior parte das greves tenham questões salariais no centro das suas reivindicações. Em Abril, os estudantes assalariados da universidade de Oregon e a sua secção sindical do UAW entraram em greve durante dez dias para conseguir um aumento de salários. Uma vitória histórica: foi a primeira vez que um sindicato de

Greve na Universidade de Minnesota (Setembro de 2025)

estudantes assalariados conseguiu obrigar a entidade empregadora a fechar um acordo. Enquanto isso, na outra ponta do país, 99,3% dos operários filiados no sindicato UAW de uma fábrica pertencente à Lockheed Martin na Florida votaram a greve. O sindicato declarou que "*enquanto embolsa milhares de milhões de dólares de dinheiro dos contribuintes, a Lockheed recusa-se a responder adequadamente às principais reivindicações do sindicato.*" A 4 de Agosto, quase 3.200 operários das fábricas do grupo Boeing Defense dos estados de Illinois e Missouri entraram em greve: a primeira greve nestas fábricas de armamento desde 1996! A greve prossegue: a 26 de Outubro, os assalariados recusaram a oferta da direcção, considerando o aumento de salários proposto insuficiente (45% em cinco anos).

Estas greves reflectem a resistência operária a Trump pelo conteúdo social das reivindicações, mas também porque revelam o estado de espírito da classe operária americana. Quando se mobilizam, os trabalhadores enfrentam obstáculos, a começar pelos que as sua próprias direcções montam. Que faz, com efeito, a direcção do poderoso sindicato UAW, por exemplo, que organiza 400 mil trabalhadores activos e 558 mil reformados e cujos membros organizam a greve na base, nos seus locais de trabalho? Lê-se, na sua página, que "*o presidente do UAW, Shawn Fain, apelou ao resto do movimento sindical para que se nos junte para preparar uma greve no 1º de Maio de 2028. O 1º de Maio, Dia Internacional dos Trabalhadores, será para nós o ensejo para provocar a crise na classe dos multimilionários para conseguir vantagens para todos nós.*"

Depois de ter sido apoiante fervoroso da candidata democrata Kamala Harris em 2024, Shawn Fain aderiu às medidas proteccionistas de Trump em 2025. Que há-de então significar este apelo a uma greve daqui a dois anos e meio, poucos meses antes das próximas eleições presidenciais (Novembro de 2028) senão que se quer instrumentalizar os trabalhadores para fazer pressão por um dos futuros candidatos, democrata ou republicano? Os trabalhadores americanos, não podem, pelo seu lado, ficar à espera do 1º de Maio de 2028 para dar combate.

América Latina: o imperialismo americano quer repor a (sua) "ordem"

Nos meses mais recentes, temos visto a administração americana intervir, de todas as maneiras possíveis, na América Latina, a fim de lá repor a sua ordem e os seus interesses.

A fim de assegurar a sobrevivência do seu vassalo Javier Milei, Trump ingeriu-se nas eleições legislativas de 26 de Outubro na Argentina. Exerceu uma perfeita chantagem, prometendo dezenas de milhares de milhões de dólares à economia argentina, na condição de Milei ganhar.

Noutro palco, depois de passar meses a ameaçar a soberania do Brasil — para "salvar a pele" do seu amigo Bolsonaro, Trump lá conseguiu, quando encontrou Lula na Malásia, que este desse o seu acordo a negociações em matéria aduaneira.

Foi, porém, contra a Venezuela e a Colômbia que a política do imperialismo americano mais brutalmente se desatou. Uma frota americana e 4.500 fuzileiros patrulham a pouca distância das costas da Venezuela, o país que contém as maiores reservas de petróleo do mundo. No Mar das Caraíbas, o exército americano procede à eliminação de embarcações apresentadas como pertencentes a "narcotraficantes", coisa que os governos colombiano e venezuelano denunciam,

>>>

● CRÓNICA

>>>

Marinha de guerra americana ao largo da Venezuela

afirmando serem barcos de pesca e ou de migrantes as vítimas das execuções sumárias.

A acusação de "narcoterrorismo" que Trump brande contra os governos Maduro (Venezuela) e Petro (Colômbia) é uma mistificação de marca maior. O tráfico da droga produzida na América Latina para alimentar o seu principal consumidor, os Estados Unidos, sempre foi instrumentalizado pelo imperialismo americano. Basta pensar na pretensa "guerra contra a droga" travada desde o tempo de Reagan. Será preciso recordar que, nos anos oitenta e noventa, foram as actividades dos cartéis colombianos e mexicanos que lhe permitiram financiar a guerra contra-revolucionária dos *Contras* na Nicarágua? Ou que, na crise dos *subprimes* de 2008, foram as centenas de milhares de milhões de dólares do tráfico de drogas que salvaram os bancos, como oficialmente reconheceu o Ofício das Nações Unidas contra a Droga e o Crime?

A pretensa "guerra contra a droga" de Trump e de todos os seus predecessores mais não serve que para conseguir fazer capitular, a bem ou a mal, os governos latino-americanos. É, pois, dever do movimento operário recusar qualquer forma de ingerência ou de intervenção militar americanas, seja na Venezuela seja em toda a América Latina.

As consequências dos ditames de Trump na cimeira da NATO

Na cimeira da NATO do mês de Junho, os governos de todos os Estados membros (salvo os Estados Unidos!) aceitaram os ditames de Trump, que exigiu que se aumentassem as despesas militares para 5% do produto interno bruto (PIB) respectivo.

Registe-se que todos eles, independentemente da cor política, do sultão Erdogan ao governo do Estado espanhol, que junta toda a "esquerda", passando pelo reaccionário Orban (Hungria) ou pelo governo de Bloco Central SPD-CDU na Alemanha, já começaram a dar aplicação a estas exigências ao elaborarem os orçamentos dos Estados para 2026. Metendo-se as potências reunidas na NATO por tal escalada, o resto dos países é arrastado na mesma direcção, não sem consequências sociais. As gigantescas quantias devoradas pelos orçamentos de guerra — que fazem as delícias dos accionistas da indústria armamentista — são outros tantos meios de que os serviços públicos e os sistemas de protecção social são privados. A militarização acelerada do mundo, factor de desenvolvimento das forças destrutivas, passa, assim, contraditoriamente, a funcionar como factor de agudização da luta da classe trabalhadora.

A actualidade das últimas semanas abunda em exemplos que o corroboram. Assim, na Bélgica — que, conquanto país de acolhimento da sede da NATO, faz figura de "mau aluno", com despesas militares que mal chegam a 2% do PIB — , os brutais aumentos da despesa militar agravam a política anti-operária do governo de coligação "Arizona". Apesar da política de jornadas de greve esporádicas e sem continuidade praticada pelas cúpulas dos aparelhos sindicais "socialistas" e cristãos, o país viu-se paralisado pela greve de 14 de Outubro, e 140 mil trabalhadores manifestaram-se em Bruxelas com as suas organizações sindicais, com a firme intenção de correr com o governo.

Nos antípodas da Europa, a Nova Zelândia acaba de viver, no dia 23 de Outubro, a segunda greve operária mais poderosa da sua história, depois da de 1979. Mais de cem mil trabalhadores do sector público pararam ao apelo dos sindicatos, protestando contra os cortes orçamentais que afectam salários e serviços públicos (saúde, ensino, bombeiros, etc.). As reivindicações operárias chocam com o consenso a que acabam de chegar o Partido Conservador, no poder, e o *Labour Party*, na "oposição", para afectar 7 mil milhões de dólares americanos ao orçamento militar, num país em que as forças armadas até há poucos anos mal chegavam a 4.500 militares.

Em todos os países imperialistas, incumbe aos grupos do CORQI tomar iniciativas condizentes com as palavras de ordem do programa da IVª Internacional: "*Nem um homem, nem um tostão para o governo burguês! Não aos programas de armamento, por um programa de obras de utilidade pública! Independência completa das organizações operárias do controle militar e policial!*"

De onde sai a crise política em França?

A França atravessa a maior crise política desde a fundação do regime em torno de De Gaulle,

em 1958. A razão: o confronto entre as classes sociais.

Desde a grande greve de 2023 contra a reforma das pensões, o presidente Macron viu seis governos seus caírem. O mais recente durou menos de um dia, por falta de acordo entre os partidos burgueses. A raiz desta instabilidade que abala a Vª República é a força social da classe operária.

Recorde-se que a greve de milhões de trabalhadores contra a reforma das pensões, em 2023, foi traída pelas direcções dos seus sindicatos, que se recusaram a apelar à greve geral, e dos partidos de "esquerda", que não pararam de apelar para Macron "ouvir a voz da razão" (em França, quase todos os poderes estão concentrados no presidente). Macron conseguiu fazer aprovar a lei que manda os trabalhadores serem explorados mais dois anos. Continua os seus ataques, os cortes nos orçamentos da segurança social e dos serviços públicos, a benefício de ajudas aos capitalistas (300 mil milhões de euros por ano) e de verbas militares (413 mil milhões em seis anos).

A classe operária e a juventude não foram, no entanto, derrotadas em 2023. Estão a radicalizar-se. Aumenta o número de greves, que começam "na base". "*O perigo, menos do que a guerra, é a luta de classes*", escreveu o principal jornal patronal, *Les Échos*, em 28 de Agosto último.

Os capitalistas franceses dividem-se quanto à maneira de conter este surto, que ameaça o regime social assente na propriedade privada dos meios de produção. Vêem como, no mercado mundial, as suas margens são corroídas. Se bem que todos concordem que é necessário passar ao ataque, há os que são partidários da associação capital-trabalho e os que entendem que é preciso um choque brutal. Os desacordos paralisam o Estado burguês.

A burguesia conta com os dirigentes "operários" para conter o surto. Os principais dirigentes dos sindicatos (CGT, FO) não convocam qualquer acção séria. Ao nível sindical, remetem as mobilizações para os deputados, que não têm poder algum. A força dos trabalhadores é, assim, desviada para as instituições burguesas. No plano político, do lado do PS, do PCF e de LFI, uns votam a favor de o governo se manter, outros suplicam por eleições para substituir o presidente Bonaparte. Ninguém diz que é preciso romper com estas instituições. Todos eles acicatam a divisão entre si. Os trabalhadores, em contrapartida, aspiram à unidade operária e à ruptura.

Os trabalhadores e os jovens não são, porém, parvos. As greves actuais na indústria, nos transportes, nos hospitais e nas escolas são prova disso. Eles saberão encontrar o caminho para a unidade que leve ao derrube do regime e à revolução socialista.

Indonésia, Nepal, Madagascar, Filipinas, Marrocos… Pelo mundo fora, a juventude revolta-se

Desde o final do mês de Agosto, os jovens de numerosos países encabeçaram a revolta contra os respectivos governos. Usando as redes sociais, serviram-se dos mesmos "códigos" de um país para outro, nomeadamente da marca "geração Z". O termo, que designa quem nasceu entre 1997 e 2012, foi em grande parte repercutido pelos meios de comunicação, nomeadamente pela imprensa burguesa.

Manifestação de jovens em Casablanca, Marrocos (28 de Setembro)

>>>

● CRÓNICA

>>> Quais são as características das revoltas? Elas ocorrem em países diferentes, em contextos nacionais amiúde distantes. Pouco que ver com a imagem que delas dão os meios de comunicação, que falam de revoltas contra a corrupção: estes movimentos são, na realidade, uma afirmação da recusa da política anti-operária aplicada pelos governos, que se submetem, de facto, às ordens das potências imperialistas que os dominam. "*Queremos hospitais, não estádios!*", clamavam os jovens nas manifestações em Marrocos. Em nome do reembolso da dívida externa, em nome da preparação para a guerra, os hospitais degradam-se, torna-se, nalguns casos, impossível ter acesso a água ou alimento. E as únicas perspectivas oferecidas à juventude são o desemprego e a miséria. Estas revoltas da juventude são, na verdade, reflexo particular da resistência global contra o sistema capitalista assente na propriedade privada dos meios de produção, uma vez chegado a um estádio de agonia e putrefacção.

Porquê tanta insistência em falar de "geração Z"? Estando o sistema capitalista na raiz destas revoltas, os levantamentos põem a questão do seu derrube e da sua substituição por um modo de produção que esteja ao serviço da maioria. Quem há-de impô-lo? A juventude não é, enquanto tal, uma classe social, é uma etapa da vida. Há, porém, uma força social capaz de derrubar este sistema: a classe trabalhadora. Sublevando-se para derrubar o sistema, a juventude tem forçosamente de se haver com a questão da sua junção com a classe trabalhadora.

Ora, o uso do termo "geração Z" é, pelo contrário, uma forma de ir ao arrepio desta unidade. O objectivo da classificação é opor as gerações umas às outras. Estar-se-ia a assistir à revolta duma "jovem geração" contra o mundo da "velha geração". Só que a divisão da sociedade não assenta em diferenças de idade ou de geração, mas sim de classes sociais. A oposição não é entre "jovens" e "velhos", mas entre exploradores e explorados. O problema do jovem nepalês que enfrenta o desemprego e a precariedade tem muito que ver com o problema do trabalhador nepalês sobre-explorado pelo patrão e que não consegue alimentar a família. Falar em "revolta da geração Z" é uma forma de impedir que se chame a verdadeira raiz do problema pelo seu nome e que a classe operária e a juventude convirjam — assim protegendo a propriedade privada dos meios de produção.

Enquanto o sistema capitalista a privar de um verdadeiro futuro, a juventude continuará a revoltar-se. Aos militantes revolucionários que constroem a IVª Internacional cumpre dirigirem-se a estas camadas e ganhá-las para a compreensão colectiva de que a unidade necessária da classe operária e da juventude, organizadas em torno das suas reivindicações e ajudadas por um verdadeiro partido revolucionário, encontrará o caminho para que elas varram por si próprias este sistema.

Declaração da Federação dos Jovens Revolucionários — IVª Internacional

Os jovens militantes trotskistas organizam-se, em França, na Federação dos Jovens Revolucionários (FJR). No mês de Outubro, a FJR anunciou, numa declaração, que mudava de nome. Eis excertos:

"(...) Ao fundarmos Federação de Jovens Revolucionários, em 2021, estávamos longe de imaginar como se apresentaria a situação em 2025. Longe de imaginar a amplitude dos ataques desferidos por Macron e pela classe

No encontro internacional de jovens revolucionários (Paris, fim de Agosto de 2025)

capitalista contra a juventude e os trabalhadores em França. Longe, também, de imaginar a generalização da guerra pelo mundo. A guerra na Europa, a duas horas de onde vivemos. A continuação dos piores massacres na RDC, orquestrados pelas multinacionais para pilhar o sub-solo africano. E estávamos longe de imaginar que, em 2025, se normalizasse que se pudesse produzir, em directo, nos nossos ecrãs, um genocídio — longe de imaginar as piores atrocidades que hoje se desenrolam na Palestina.

(...) O que, porém, nos convenceu a a constituir a Federação de Jovens Revolucionários, em 2021, continua a ser verdade em 2025. Sabemos que teremos que nos bater para conquistar o futuro a que aspiramos e que esse combate tem nome: revolução.

(...) A revolução não é, contudo, uma mera palavra de ordem que baste gritar. Para haver revolução, é preciso que haja programa revolucionário. (...) Sabemos que a classe trabalhadora, produtora da riqueza, é a única força social capaz de tomar o poder e inverter o curso dos acontecimentos: por isso, é ao seu lado que nos devemos bater para ajudá-la a realizar as suas tarefas.

Ao decidirmos chamar-nos Federação de Jovens Revolucionários — IVª Internacional, não estamos a dizer que somos todos membros da IVª Internacional, mas que nos revemos na continuidade que ela representa.

Revemo-nos na tradição da Iª Internacional, a da Comuna de Paris e da bandeira vermelha.

Revemo-nos na continuidade da IIª Internacional e daqueles que, dentro dela, um punhado, em 1914, rejeitaram a capitulação social-chauvinista dos seus dirigentes.

Revemo-nos no contributo da revolução russa de 1917 e das tentativas de IIIª Internacional para abrir caminho a um governo da classe operária à escala internacional.

Revemo-nos na continuidade das correntes e militantes que, muitas vezes arriscando a vida, combateram o estalinismo para defender a independência do movimento operário e da democracia operária.

Trump e Xi Jinping (29 de Outubro de 2025)

Essa continuidade é a que hoje representam os militantes do Comité de Organização pela Reconstituição da IVª Internacional, que, em França, estão organizados na Tendência Comunista Internacionalista do Partido dos Trabalhadores, secção francesa da IVª Internacional.

A tarefa estratégica da IVª Internacional não consiste em reformar o capitalismo, mas em derrubá-lo. A sua finalidade política é a conquista do poder pelo proletariado, realizando a expropriação da burguesia.

"As tagarelices de todo o género que acham que as condições históricas ainda não estão "maduras" para o socialismo são mero produto da ignorância ou de um embuste consciente. […] Sem revolução socialista, sem revolução socialista no período histórico próximo, toda a civilização humana está ameaçada de ser empurrada para a catástrofe.

[…] A nossa palavra de ordem fundamental continua a ser: "PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!"

(*Programa de Transição*, Leon Trotsky)

China: vêm aí "tempestades violentas"

Antes do encontro previsto entre Trump e Xi Jinping, decorreu o 4º plenário do Comité central do Partido Comunista Chinês (PCC), assinalado por purgas no aparelho de Estado, especialmente no exército. Casos de corrupção conjugados com divergências quanto a Taiwan redundaram na expulsão do partido e do exército de nove generais de alta patente. Outro caso raro: 61 dos 376 membros do Comité central não compareceram. Doentes ou saneados?

É bem evidente que está em desenvolvimento no interior da burocracia uma crise profunda. Qual é a sua raiz?

A direcção do PCC debateu o 15º plano quinquenal, portanto, a orientação e as medidas a tomar para a economia do país até 2030. Eis as duas orientações principais: "*Construir um sistema industrial modernizado e reforçar as fundações da economia real*" e "*acelerar a autonomia e o reforço das capacidades científicas e tecnológicas de alto nível, de modo a levar ao desenvolvimento de novas forças produtivas de qualidade*". Isso, para "*aumentar significativamente o consumo as famílias (...) e a parcela do investimento público afecta ao melhoramento das condições de vida da população.*"

Este mesmo "*sistema de planeamento económico e uma vasta gama de meios destinados a prosseguir objectivos políticos e económicos fixados pelo partido*", assentes no "*domínio da propriedade do Estado*" era exactamente o que um relatório da União Europeia de Abril de 2024 denunciava: tudo isso refreia o

>>>

● CRÓNICA

>>> capital financeiro de Wall Street, de Londres ou de Franqueforte, que deseja poder ter aceso livre e sem barreiras à totalidade do mercado chinês.

É também isso que permite conseguir um crescimento de aproximadamente 5% e amortecer parcialmente os assaltos do imperialismo. A burocracia chinesa toma medidas de retaliação em matéria de direitos aduaneiros, multiplica-se em contactos bilaterais com países da Ásia e da América Latina para tentar contrariar as medidas de Trump. Assim, em resposta às sanções de Washington no domínio dos semicondutores, restringiu as suas exportações de terras raras. Deixou, igualmente, de comprar soja americana. Enquanto isso, a única coisa que todos os governos capitalistas da Europa fazem é aceitar e rastejar ante os ditames de Washington: nada de pautas aduaneiras sobre produtos da indústria americana que vêm para a Europa, diz a UE!

Estes ataques do capital não deixam, contudo, de produzir consequências para os trabalhadores chineses, que são os primeiros a apanhar com despedimentos, reduções de salário e precariedade por causa dos direitos aduaneiros americanos e das várias sanções e proibições que se abateram sobre as empresas chinesas. Multiplicam-se greves de trabalhadores chineses em defesa das suas condições de trabalho, pelo pagamento de salários e contribuições sociais não liquidados. A mobilização da classe operária chinesa (das suas centenas de milhões de membros) para defender os seus direitos e condições materiais de existência assustam os dirigentes do Partido Comunista. Os burocratas corruptos sabem que uma mobilização de grande amplitude da classe operária se viraria, pela sua dinâmica, contra eles, os seus privilégios e o seu poder.

Um desses burocratas disse, a seguir ao plenário, esperar a continuação de "*dois milagres: o desenvolvimento económico rápido e a estabilidade social a longo prazo*", pondo de sobreaviso contra "*tempestades violentas*" (Han Wenxiu, da Comissão Central dos Assuntos Financeiros e Económicos). Os círculos dirigentes do Partido Comunista, espartilhados entre Trump, que tem como "*única prioridade a China*" e os trabalhadores chineses, que se batem apesar da repressão e da proibição de se organizarem livremente. É daqui que emanam as tensões internas da burocracia.

Acentua-se a pressão americana sobre a Índia

No final de Agosto de 2025, Trump impôs direitos aduaneiros de 50% sobre todas as exportações indianas. A medida teve efeitos desastrosos na economia deste país. Sofrem particularmente os têxteis, a ourivesaria, os produtos do mar, curtumes e a engenharia. Em muitas regiões, 80% dos produtos da indústria têxtil são exportados para os Estados Unidos. Segundo dados oficiais do ministério do Comércio da Índia, as exportações de tapetes e objectos artesanais indianos caíram, em Setembro, mais de 16% em relação ao ano anterior. As exportações de bens para os Estados Unidos passaram de 6.870 milhões de dólares em Agosto a 5.430 milhões em Outubro.

Milhões de trabalhadores estão em risco de perder o emprego. Multiplicam-se greves em todos os sectores, particularmente nos que estão ameaçados de privatização pelo governo reaccionário de Narendra Modi.

Trump critica a Índia por comprar petróleo russo, que, acha ele, financia a guerra de Putin na Ucrânia. Acresce a questão dos acordos comerciais. O imperialismo americano exige que a Índia autorize importações maciças de soja e milho americanos. O governo Modi tem resistido, sabendo que o resultado seria a ruína de milhões de agricultores, tendo bem presente a revolta do campesinato de 2021, que o obrigou a recuar.

Esta pressão americana contra a Índia fizera o reaccionaríssimo Modi, indefectível aliado do imperialismo americano de longa data, aproximar-se da China, participando, designadamente, e muito pouco habitualmente, numa cimeira regional de cooperação em Taijin, na China, em que participaram também, em torno de Xi Jinping, presidente chinês, Vladimir Putin, Erdogan, pela Turquia, o presidente iraniano e muitos outros.

No seu giro pela Ásia, Trump voltou à carga com uma chantagem. Depois de uma conversa telefónica com o primeiro ministro indiano, declarou: "*Falámos de comércio. Falámos de muita coisa, mas principalmente de comércio.*" Na condição de a Índia deixar de comprar petróleo russo e de ceder quanto à compra de soja e milho, os Estados Unidos poderiam baixar os direitos aduaneiros sobre as importações indianas para 15 a 16%, em vez de 50%.

Com Trump a declarar por três vezes que a Índia concordara em deixar de comprar grandes quantidades de gás russo, Modi demorou a confirmá-lo nos dias seguintes. O seu ministro do Comércio declarou que "*a Índia não assinará acordos comerciais à pressa*", no mesmo momento em que outro membro do governo afirmava que se estava "*muito perto*" de um acordo, acrescentando que as delegações que estavam a negociar o acordo comercial "*convergem na maior parte das matérias*".

Seja qual for o desenlace imediato destes negócios, a pressão americana sobre a Índia prepara grandes abalos neste imenso país, cuja classe operária, fortemente organizada, mostrou nos últimos anos, em poderosas greves gerais de dezenas de milhões de trabalhadores, qual o seu lugar na nação indiana e como a luta pela defesa dos seus interesses de classe se identifica com a defesa da soberania da nação.

A guerra no Sudão, catástrofe humanitária orquestrada pelo imperialismo

O Sudão passou, antes da

Campo de refugiados no Leste do Sudão (Outubro de 2024)

guerra actualmente em curso, por duas guerras civis que opuseram o Norte e o Sul (1955-1972 e 1983-2005). Na sequência dum referendo organizado pelo imperialismo em 2011, o Sudão do Sul separou-se do Sudão, ficando o Sudão do Sul com o controle de 75% das reservas de petróleo. Dirigido por Omar el-Bechir desde o seu golpe de Estado militar de 1989, o Sudão viveu um grande marasmo económico.

A revolução sudanesa de 2018 partiu das manifestações de 19 de Dezembro contra a carestia, que alastraram a todo o país. saqueando os edifícios do partido no poder e desafiando uma repressão sangrenta. No processo revolucionário do Sudão, as massas constituíram comités de resistência. A organização que esteve no centro das mobilizações e manifestações foi a Associação dos Profissionais Sudaneses (APS), um sindicato clandestino. O estado de emergência foi decretado em Fevereiro de 2019 e, em Abril de 2019, El-Bechir foi derrubado por um golpe de Estado militar, preso e levado a tribunal pelo "*homicídio de manifestantes*" e corrupção. Os novos golpistas continuaram a reprimir as massas, que não pararam de se bater pelos direitos democráticos e sociais. Outro golpe, levado a cabo por Abdel Fattah al-Burhan em Outubro de 2021gerou tensões entre as Forças Armadas Sudanesas (SAF) e as Forças de Apoio Rápido (RSF) de Mohammed Hamdan Daglo, dito Hemetti, que contam nas sua fileiras muitos janjauídes, a milícia que fora encarregada de subjugar as populações subsáarianas da região.

Os combates e massacres de massas deflagraram a 12 de Abril de 2023. O balanço desta guerra regista, para já, 300 mil mortos, 10 milhões de deslocados, 2,5 milhões de refugiados e 25 milhões de pessoas carecidas de socorro humanitário de emergência! De notar que as SAF beneficiam do apoio do Egipto, do Irão e da Arábia Saudita, ao passo que as RSF são apoiadas pelos Emirados Árabes Unidos, pela Líbia (do general Haftar) e pelo Chade. O país é, na realidade, palco de um choque entre potências regionais e mundiais pelo controle do petróleo, do gás natural, do ouro, do ferro e do crómio na região.

República Democrática do Congo: guerra e pilhagem ligadas

Seis milhões de mortos, 7 milhões de deslocados, 800 mil refugiados, tal é o balanço de trinta anos de guerra, que prossegue. Esta guerra conheceu mais de dez acordos e processos de paz sob a égide do imperialismo americano. A região em que a guerra está concentrada, o Leste, abunda, além de em minérios clássicos, em materiais que entram na alta tecnologia, na indústria do armamento, da electrónica, aerospacial e nas baterias para veículos e automóveis eléctricos. A evolução de guerra levou à retirada das tropas da EAC (África Oriental) que ali se encontravam em "missão de interposição" e das dos países da SADC (África Austral), implicadas ao lado do exército congolês, em benefício do AFC/M23 apoiado por Kigali, ainda que o regime ruandês sempre o tenha desmentido. Afrontam-se hoje no terreno, de um lado, o exército congolês apoiado pelas FDLR, resíduo das Forças Armadas Ruandesas e da milícia Interahamwe, que perpetraram o genocídio dos tutsis no Ruanda, em 1994, e tropas burundis e, do outro, o AFL-M23, que se apodevou das capitais do Kivu Norte e do Kivu Sul, respectivamente Goma e Bukavu.

Para "resolver" a crise, houve, em Junho de 2025, o acordo de Washington entre Paul Kagame,

>>>

● CRÓNICA

>>> do Ruanda, e Félix Tshisekedi, da RDC, sob a égide de Donald Trump, que era para conduzir a um acordo global de paz antes de 27 de Agosto de 2025 — mas tal nunca aconteceu. Da Declaração de Princípios de Doha em que o governo da RDC e o AFC/M23 assentiram em 29 de Julho de 2025 não resultou a paragem das hostilidades. Do mesmo modo, no dia seguinte ao acordo de verificação do cessar-fogo de Doha de 14 de Outubro de 2025 entre as duas "partes", estas intensificaram os combates, tanto no Kivu Norte como no Kivu Sul, recorrendo, conforme o caso, a drones armados que massacraram populações e destruíram infra-estruturas civis.

Esta situação é prova de como guerra e pilhagem estão indissoluvelmente ligadas. Sob a impulsão de Trump, acabam de ser concedidas mais sete licenças mineiras à multinacional KoBold Metals dos multimilionários Jeff Bezos e Bill Gates, no quadro de uma luta inflamada entre multinacionais americanas, companhias europeias e asiáticas e grupos chineses. A condição para a paz na RDC é a soberania dos trabalhadores e do povo congolês sobre as suas riquezas, o que requer a solidariedade e fraternidade com os outros povos do mundo.

Pierre Lambert teve razão

Neste dia 25 de Outubro de 2025, a cotação do ouro bateu novo recorde. Já é quase rotina: a cotação do ouro bateu o seu próprio recorde quarenta e oito vezes em 2024 e mais várias vezes desde então. No total, nos últimos vinte e cinco anos, de 2000 a 2025, a cotação do ouro passou de cerca de 245 dólares a mais de 3.500 dólares, multiplicando-se por doze. O que o explica? O ouro é considerado, cada vez mais, aliás, um valor-refúgio. Os capitalistas, nada avessos à especulação, nem por isso têm menos consciência do carácter muito incerto das suas manobras financeiras. A massa de capitais atirados para a especulação compõe-se, em grande parte, de capitais fictícios: pode ruir tudo a qualquer momento. Em vinte e cinco anos, a economia capitalista passou pelo rebentamento de três bolhas especulativas. Enquanto a especulação inexoravelmente se dilata, engolindo cada vez mais capitais excedentários, reais ou fictícios, os especuladores fazem os possíveis por protegerem a sua retaguarda. Espreitam, por isso, os valores-refúgio. Os dois principais que se lhes oferecem são o dólar, por ser a moeda da potência capitalista que domina a economia mundial — embora, sujeito às constantes flutuações da administração Trump, possa amanhã sofrer reveses — , e o ouro, que representa, pelo menos, a quantidade de trabalho socialmente necessária à sua extracção e produção. O ouro é um valor material, real e não fictício, ao qual estavam indexadas todas as moedas até 1945 e, indirectamente, ente 1945 e 1971. Deixaram de lhe estar indexadas desde a declaração do presidente Nixon, em 1971, que indexou todas a moedas ao dólar, e o dólar apenas às decisões da Reserva Federal americana (logo, do poder político em Washington). A declaração de Nixon de 1971 ficou a assinalar o ponto de partida da desregulamentação generalizada, monetária e financeira, do sistema capitalista, que entrou numa imparável fuga em frente para tentar abrir novos campos de valorização. Desde essa época, o nosso camarada Pierre Lambert (1920-2008), confiando na pertinência da análise marxista das leis do capital, repetia constantemente: "*Eles hão-de ser obrigados a voltar para o ouro.*" É para lá que estão, de facto, a voltar, se bem que não, formalmente, na forma da referência ao ouro como "equivalente geral", mas sim como avatar de valor-refúgio, cujo montante se multiplicou por doze em vinte e cinco anos. A "procura" crescente de ouro indica até que ponto os capitalistas sabem, enquanto vão especulando à maluca, que, em primeira como em última análise, os únicos valores reais são os produzidos pelo trabalho humano neles cristalizado. As leis do capital são as leis do capital. ●

A Internacional
29 de Outubro de 2025

CRÓNICA

6-7-8 de Novembro de 2026 Conferência Internacional das Organizações do CORQI

Excertos da carta de convocação da conferência do Comité de Correspondência do CORQI às organizações filiadas

"Toda a situação mundial põe no centro a necessidade urgente de dar passos em frente na reconstituição da IVª Internacional, de modo a poder ajudar a superar a crise da direcção revolucionária do proletariado, que concentra a crise da humanidade. (...) Dar passos em frente significativos para a reconstituição da IVª Internacional pressupõe — conforme salientou a discussão da conferência internacional de 23 de Março — dar passos em frente na construção de verdadeiras organizações trotskistas filiadas no CORQI nos países em que estamos presentes.

(...) Há dez anos, ao constituirmos o CORQI, salvámos a continuidade da nossa corrente, a corrente que, em 1983, reproclamara a IVª Internacional com o camarada Lambert. Na época, face à ofensiva revisionista e liquidacionista, foi preciso resistir, e o CORQI constituiu-se com todas e todos os que optaram por recusar a liquidação. A evolução ulterior do grupo liquidacionista confirmou que tínhamos tido razão em constituir o CORQI. O simples facto de que, na sua última reunião internacional — a 4 e 5 de Outubro de 2025, em Paris — , os liquidacionistas tenham dado destaque à participação de responsáveis do Partido Democrático de Biden (e da sua pretensa "ala esquerda") é prova eloquente da deriva dessa gente.

Nestes dez anos, a agonia do regime assente na propriedade privada dos meios de produção fez acelerar a marcha para a destruição das forças produtivas e para a barbárie, a um ponto que era então difícil de imaginar: alastramento das guerras no Sudão e na RDC, guerra na Ucrânia, genocídio em Gaza, marcha para a guerra contra a China. Em cada país, agravamento da guerra contra os trabalhadores, as suas conquistas e as suas organizações. Os inúmeros levantamentos revolucionários e mobilizações de massas dos trabalhadores depararam sistematicamente com a política contra-revolucionária dos aparelhos que procuram salvaguardar as instituições do domínio capitalista. Os velhos partidos saídos da social-democracia e do estalinismo, os aparelhos dirigentes dos sindicatos ou as formações mais recentes saídas da crise do movimento operário (Syriza, *Podemos*, *La France insoumise*, etc.), intérpretes de uma ofensiva permanente para fazer desaparecer os critérios de classe, têm desenvolvido todas as modalidades contemporâneas da frente popular. Esta verificação de que "*a crise histórica da humanidade se reduz à crise da direcção revolucionária*" do proletariado suscita a necessidade de dar um passo em frente para a reconstituição da IVª Internacional.

Nestes dez anos, o CORQI assegurou a continuidade da nossa herança política (…). Nos últimos anos, sobretudo, temos desenvolvido campanhas com uma orientação de ruptura com o social-chauvinismo, linha de demarcação no movimento operário internacional. (...)

Dando execução ao mandato que lhe foi conferido pela conferência internacional de 23 de Março, o Comité de correspondência delibera:

— convocar a conferência das organizações do CORQI para sexta-feira, 6, Sábado, 7 e Domingo, 8 de Novembro de 2026.

— Publicar esta convocação num primeiro boletim interno de discussão internacional, juntamente com os primeiros documentos.

— Propor às organizações, grupos e militantes dos vários países que designem os seus representantes para participar em trocas directas com os camaradas do comité de correspondência (…).

— Daqui ao final do ano de 2025, o comité de correspondência fica mandatado para publicar uma carta pública que exponha publicamente aos trabalhadores, militantes e jovens de todos os países o que estará em jogo nesta conferência.

— Além desta carta, o comité de correspondência preparará primeiras contribuições escritas a submeter à conferência. Designadamente, uma contribuição sobre o momento presente da situação, em que revolução e contra-revolução se imbricam, outra sobre o balanço das forças e fraquezas da nossa actividade de construção de organizações do CORQI nos últimos anos (…)"

● DEZ ANOS DEPOIS

Trotskismo e social-chauvinismo, duas vias inconciliáveis

Por Daniel Gluckstein

Há quase dez anos, em Fevereiro de 2016, reuniu-se em Turim (Itália) uma «conferência de emergência pela unidade da IVª Internacional baseada no seu programa fundador e nos textos da sua proclamação de 1993». Quarenta e seis delegados, vindos de 17 países, decidiram constituir-se em Comité de Organização pela Reconstituição da IVª Internacional (CORQI): «*Não pretendemos representar a Internacional na sua totalidade. Somos uma componente dela, reunidos em torno de uma avaliação comum, a saber, que a IVª Internacional não pode existir sem livre discussão, sem livre confrontação de pontos de vista.*

Entre nós, alguns camaradas chegaram à conclusão de que a crise que divide a IVª Internacional há seis meses resulta da cristalização, no seio da direcção, de uma corrente revisionista liquidacionista e destrutiva.

Só a livre discussão com todos os militantes e delegados permitirá determinar se uma corrente revisionista liquidacionista se cristalizou ou não na IVª Internacional.

Por enquanto, porque compreendemos que o combate organizado tem como objectivo preservar a IVª Internacional, porque sabemos que muitos militantes não tiveram à sua disposição os textos e documentos, constituímos um Comité de Organização pela Reconstituição da IVª Internacional (reproclamada em 1993).

O Comité de Organização pela Reconstituição da IVª Internacional será, ao mesmo tempo, um centro de organização com o objectivo de ajudar os camaradas em todos os países a avançar na construção das forças da IVª Internacional na luta de classes, nas campanhas internacionais, na luta pela revolução mundial» (*A Internacional*, n.º 1, Março de 2016).

Em Maio de 2017, o nº 6 da nossa revista *A Internacional* foi inteiramente dedicado à publicação de «Notas sobre a crise da IVª Internacional, as suas raízes e o seu significado».

Dez anos passaram

Dez anos passaram. A conferência convocada para Novembro de 2026 terá que fazer um balanço das realizações do CORQI, dos seus êxitos, fraquezas, dificuldades. Fá-lo-á com o método que é o nosso, o do bolchevismo: partir dos factos, sem nada dissimular aos trabalhadores, aos militantes, dos problemas que enfrentamos.

Um facto não sofre contestação: durante estes dez anos, não deixámos de combinar a luta ampla e unitária contra a guerra e a exploração com iniciativas destinadas a preservar e reforçar os núcleos e organizações que se situam no terreno da defesa e da actualidade do programa da IVª Internacional.

Luta ampla contra a guerra: a reunião internacional de Maio de 2016 contra a União Europeia; a Conferência Internacional de Mumbai, na Índia (Novembro de 2016), que constituiu o Comité Operário Internacional contra a Guerra e a Exploração, pela Internacional Operária; a reunião internacional (por zoom) de 1 de Maio de 2020 (em plena pandemia de Covid); a Conferência Internacional das Mulheres Trabalhadoras de Outubro de 2022, com a constituição do Comité Internacional de Defesa das Mulheres Afegãs; a Conferência contra a Guerra e a Exploração, pela Internacional Operária, de Outubro de 2022; a reunião internacional com intervenientes de todos os continentes em Junho de 2023; a reunião internacional contra a guerra de 2 de Junho de 2024; o encontro internacional de emergência contra a guerra imperialista global, preparado em 57 países, em Março de 2025 — para citar apenas alguns dos encontros que deram, todos eles, origem a campanhas e iniciativas.

No plano estrito da luta do CORQI, destaquem-se os Encontros Internacionais de Jovens a partir do Verão de 2016, o acampamento internacional de jovens do CORQI em Agosto de 2017; depois, os diferentes encontros internacionais de jovens revolucionários; a Conferência Internacional «pela reconstituição da IVª Internacional, pelo Partido Mundial da Revolução Socialista» de Novembro de 2023; e, mais perto de nós, a conferência da CORQI de Março de 2025; sem esquecer a publicação de quarenta números, em dez anos, da nossa revista *A Internacional*.

O fio condutor que liga a luta contra a guerra à luta contra a exploração

Reiteramos que não pretendemos apresentar um balanço infalível. Ainda assim, nestes dez anos, nunca abandonámos o fio condutor que liga a luta contra a guerra à luta contra a exploração. Vimos que devíamos designar a guerra em curso não como soma de guerras específicas, mas como «uma guerra imperialista global», expressão – sob diversas formas – da crise de decomposição do sistema capitalista assente na propriedade privada dos meios de produção. A guerra entendida não como uma simples consequência da crise, mas, de certa forma, como necessidade nascida da economia de guerra, economia de

guerra nascida, ela própria, como necessidade dimanada do beco sem saída do regime da propriedade privada dos meios de produção. «*É importante avaliá-lo para podermos compreender em que momento da situação nos encontramos. Sabemos que o capitalismo, na sua fase ascendente, procurou responder a esta crise estendendo o modo de produção capitalista a todos os sectores da sociedade: o capitalismo apoderou-se gradualmente de quase toda a economia dos grandes países capitalistas, mas não só, mesmo os países mais atrasados foram ficando, aos poucos, sob o domínio do sistema capitalista. Houve a conquista do mercado mundial, houve, nomeadamente, a conquista das colónias e as guerras inter-imperialistas para conquistar as colónias. Mas todos estes processos, que se desenrolaram ao longo do século XIX, conduziram à transformação do capitalismo, na sua fase ascendente, naquilo a que Lenin e outros chamaram o capitalismo chegado à sua fase imperialista. (...)*

É importante compreender a evolução da análise materialista e científica do capitalismo. Para Marx, o capitalismo é afectado por crises, mas a classe trabalhadora tem capacidade para resolvê-las, tomando o poder político para quebrar a propriedade privada dos meios de produção e, posteriormente, socializá-los. Lenin salienta que o capitalismo, chegado ao estádio imperialista, arrasta a humanidade para a sua ruína; daí a necessidade de romper com os social-chauvinistas e construir, à escala internacional e nacional, o partido revolucionário que luta pela revolução vitoriosa como único meio de enfrentar essa situação. Mais tarde, Trotsky escreve que as premissas objectivas estão maduras, começaram até a apodrecer, estamos caminhando para uma catástrofe que ameaça toda a civilização humana (pouco antes da Segunda Guerra Mundial), voltando a destacar a importância do factor subjectivo, ou seja, da IVª Internacional. (...)

Esses elementos permitem-nos compreender o que há de particular na situação actual. A saber: que todos os seus elementos tendem a ligar-se entre si e a convergir. O motor continua a ser, e mais do que nunca, como na época de Marx e Engels, o abismo entre a capacidade de desenvolvimento ilimitado das forças produtivas e a estagnação ou muito fraco desenvolvimento dos mercados. Mas a questão que nos exige uma resposta é esta: os meios utilizados para superar essa contradição hoje, em 2025, reflectem ou não, no mesmo quadro de análise, um salto de patamar qualitativo? (...)

A Europa, pela sua parte, tem de pagar: são os 5% do PIB a afectar ao armamento. O que, tanto nos Estados Unidos como na Europa e em todos os países, é um factor de empobrecimento da classe trabalhadora e da juventude, de precarização.

É um meio de que o capitalismo mais poderoso, o capitalismo dos Estados Unidos, tenta servir-se para superar a contradição fundamental já evocada há 180 anos por Marx e Engels, mas que hoje se torna elemento dominante. (...)

Subimos ou não de patamar qualitativo no que significa a militarização da economia — ou estamos a ponto de franqueá-lo? O rastilho é dado, de algum modo, pelos 5% do PIB. 5% do PIB pode não parecer muito. Vou-vos dar alguns números para vos permitir compreender melhor o que está em jogo. O orçamento total do Estado francês é de pouco menos de 450 mil milhões de euros. O PIB é de cerca de 3 biliões (milhões de milhões) de euros. 5% do PIB são, portanto, 150 mil milhões. Sabendo que uma parcela inteira das despesas relacionadas com a política de armamento, em França como em todo o lado, não figura na alçada do orçamento da defesa (somam-se aspectos de formação, salários, pensões, tecnológicos, etc.), no dia em que, num orçamento inferior a 450 mil milhões, se têm oficialmente 150 mil milhões para a defesa e a economia do armamento, pode considerar-se que, na realidade, é metade do orçamento (ou mais) que é consagrado à economia de guerra. É certo que ainda não chegámos aos 5%, mas a orientação geral é que temos de chegar lá, tanto em França como em todos os países da NATO» [1].

Nestes dez anos, também nunca desmentimos a proposição de que, para acabar com o sistema capitalista e abrir caminho à socialização dos meios de produção à escala internacional, é necessário construir novos partidos baseados num verdadeiro programa de ruptura, que não pode ser senão o da IVª Internacional.

Nunca nos desviámos também da necessidade de lutar, sejam quais forem as circunstâncias, pela frente única da classe operária e das suas organizações e pela defesa das instituições operárias, sem as quais a classe operária não pode ser classe.

Os «onze pontos» de Leon Trotsky

Para dizer a verdade, este fio condutor não surgiu do nada. Inscreve-se na continuidade de toda a luta da IVª Internacional e mesmo, antes dela, na continuidade da luta que desembocou na IVª Internacional.

Em 1933, quando a oposição de esquerda internacional chegou, sob a impulsão de Trotsky, à conclusão de que a IIIª Internacional estava morta para a revolução, incapaz de tirar as lições da derrota histórica do proletariado alemão, na qual a direcção estalinista tivera grande responsabilidade; quando a oposição de esquerda considerou que, com base nos quatro primeiros congressos da Internacional Comunista, devia orientar-se para a construção de uma nova Internacional, fê-lo baseando-se em onze pontos, revistos e corrigidos por Trotsky em Julho de 1933. Onze pontos destinados a determinar os contornos da Internacional a construir[2].

1. «A independência do partido proletário», o que implica «a condenação da teoria dos partidos não assentes numa classe».

>>>

● DEZ ANOS DEPOIS

>>> *2. «Reconhecimento do carácter internacional e, portanto, permanente da revolução proletária».*

3. «Reconhecimento do Estado soviético como Estado operário, apesar da degeneração crescente do regime burocrático», princípio que, em 2025, deixou de ser aplicável a uma União Soviética desaparecida e submetida à privatização-destruição da propriedade estatal; mas que, em condições históricas diferentes, mantém toda a sua relevância no que diz respeito à China.

4. «Condenação da política económica da fracção estalinista.»

5. «Reconhecimento da necessidade de um trabalho comunista sistemático nas organizações proletárias de massas, particularmente nos sindicatos reformistas, e condenação da teoria e da prática da Internacional Sindical Vermelha.»

6. «Rejeição da fórmula da ditadura democrática dos operários e camponeses.»

7. «Reconhecimento da necessidade de mobilizar as massas em torno de palavras de ordem de transição correspondentes à situação concreta de cada país e, particularmente, em torno de palavras de ordem democráticas no caso da luta contra as relações feudais, a opressão nacional ou as diferentes espécies de ditadura imperialista aberta (fascismo, bonapartismo).»

8. «Reconhecimento da necessidade de desenvolver uma política de frente única para com as organizações de massas da classe operária, tanto as sindicais como as políticas.»

9. «Rejeição da teoria do social-fascismo e de toda a prática com ela relacionada, que servem o fascismo, por um lado, e a social-democracia, por outro.»

10. «Luta pela união das forças revolucionárias da classe operária mundial sob a bandeira do comunismo internacional. Reconhecimento da necessidade de criar uma Internacional comunista autêntica, capaz de aplicar os princípios acima enumerados.»

11. «Reconhecimento da democracia do partido, não apenas em palavras, mas também em actos; condenação categórica do regime estalinista, do plebiscito, etc.».

Esses 11 pontos, revistos por Trotsky em 1933, continuam a ser, para nós, embora numa situação muito diferente, os princípios da luta pela IVª Internacional e pela sua reconstituição.

Viragem para o social-chauvinismo

Lembremos que a constituição do CORQI foi uma consequência da tentativa do centro liquidacionista instalado na rue du Faubourg-Saint-Denis, 87, em Paris, de destruir a IVª Internacional. Foi a resposta daqueles que recusaram submeter-se à liquidação.

Em tais condições, é forçoso que conste que o CORQI, com as suas fraquezas, limitações e dificuldades, manteve o rumo traçado por Leon Trotsky em 1933, o mesmo não se podendo dizer daqueles que, depois de procederem à nossa expulsão burocrática, em 2015, persistiram, contra toda a evidência, em reivindicar-se da IVª Internacional.

A verdade é que essa gente caiu para o lado do social-chauvinismo. A «conferência contra a guerra» e a «reunião internacional contra a guerra» organizadas pela CCI nos dias 4 e 5 de Outubro de 2025 marcam, neste ponto de vista, a subida qualitativa de patamar[3].

Para começar, é importante notar que esta conferência e esta reunião foram apresentadas sob o lema: «Abaixo a guerra!» e não «contra a guerra e a exploração». A diferença é de monta.

«Não balimos como pacifistas»

A fórmula «contra a guerra e a exploração» tem uma história na nossa corrente. Foi proposta pelo camarada Lambert na conferência mundial de Barcelona, em Janeiro de 1991, que lançou, na altura, as bases da «Aliança Internacional dos Trabalhadores e dos Povos contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária». Essa formulação tinha um significado preciso: não se tratava de ser contra a guerra em geral («*não balimos como pacifistas*», costumava dizer o camarada Lambert), mas de ser contra a guerra como expressão da sobrevivência do sistema capitalista na época da sua decomposição. O manifesto de Barcelona afirmava: «*Somos contra a guerra, os povos e os trabalhadores de todo o mundo são contra a guerra. Porque sabem que a guerra significaria mais um passo na opressão e na exploração. (...) Nós, os povos, a classe operária internacional, estamos fartos de saber que os governos, sejam eles quais forem, os governos ao serviço do imperialismo tentarão arrancar, com a guerra, todos os direitos e conquistas sociais*». Combater a guerra e combater o regime da propriedade privada dos meios de produção capitalistas eram (e são) uma e a mesma luta. Foi por isso que, desde 1991, todas as iniciativas que tomámos (com Pierre Lambert, depois sem ele, após o seu falecimento) tiveram o selo da luta contra a guerra e a exploração. E a própria CCI, nos primeiros anos após a ruptura de 2015, manteve essa denominação. Porque renunciará hoje a ela?

Há nisso uma certa lógica. A natureza da guerra na era do imperialismo não pode ser compreendida fora da análise que Lenin faz do imperialismo como estádio supremo do capitalismo. Não se pode, portanto, compreender sem relacioná-la com a luta contra a exploração capitalista, pela vitória do socialismo.

Uma «reunião internacional contra a guerra» com representantes do Partido Democrático dos Estados Unidos

Mas quando uma conferência é convocada com membros de um dos dois principais partidos do imperialismo, e que se reivin-

dicam como tal, no caso, do Partido Democrático dos Estados Unidos, e quando é convocada sem carácter de classe, é inevitável que a sua dimensão política fique reduzida à de uma conferência pacifista, ao que, aliás, a maioria dos oradores, tanto no comício como na conferência, estritamente se ativeram. Não se pode, de facto, considerar secundária a declaração feita no comício por um orador dos Estados Unidos: «*Em Nova Iorque, designámos Zohran Mamdani candidato democrata à Câmara Municipal.*» Sim, «*candidato democrata*», declaração reproduzida tal qual pelas *Informations ouvrières*, que, aliás, semana após semana, saúda a campanha do «*candidato democrata*» Zohran Mamdani.

Recordemos que a principal acusação que a IVª Internacional faz há décadas contra os dirigentes das organizações sindicais nos Estados Unidos é a da sua recusa em romper os laços que os ligam ao Partido Democrático. Seguindo os ensinamentos de Trotsky, os militantes da IVª Internacional dizem aos dirigentes sindicais: rompam com o Partido Democrático, parem de financiar esses candidatos, dediquem as somas consideráveis que lhes concedem a lançar as bases de um partido da classe operária, um *Labor Party* (Partido Trabalhista) apoiado nos sindicatos, que apresente os seus próprios candidatos às eleições! Esta adesão dos responsáveis do centro revisionista ao Partido Democrático é a antítese da posição adoptada pelos trotskistas há décadas nesta questão. Sabendo do papel do Partido Democrático nas guerras dos Estados Unidos há décadas, sabendo da política anti-operária que foi a sua nos governos Obama e Biden, apoiar o Partido Democrático nada mais é do que apoiar um sector do imperialismo contra outro sector do imperialismo.

É exagerado chamar «adesão» à posição dos dirigentes da CCI para com o Partido Democrático? De forma alguma. Se um Stéphane Jouteux ou Jérôme Legavre se tivessem comportado como militantes trotskistas no comício, teriam recebido o representante de Zohran Mamdani com as seguintes palavras: «*Camarada representante de Zohran Mamdani, não podemos deixar de nos congratular por ver que um candidato que se declara «socialista» está prestes a ganhar a câmara municipal de Nova Iorque. Saudamos a mobilização de dezenas de milhares de jovens e trabalhadores que são o suporte desta candidatura e desejamos que ele possa executar o programa de congelamento de rendas e de ajuda aos mais pobres que apresentou. Mas estamos conscientes, e Trump lembrou isso nas suas últimas declarações, que a eleição de Mamdani irá suscitar a ira da administração Trump e tentativas de sabotagem por parte dos grandes grupos capitalistas. Para se defender, Mamdani só poderá contar com a mobilização dos trabalhadores e dos jovens, não só em Nova Iorque, mas em todo o país. Sabemos que essa mobilização terá de passar pelas organizações que os trabalhadores construíram para se defenderem, os sindicatos, e também pelas organizações de trabalhadores negros, de mulheres, etc.*

Para tal, não poderá, porém, passar pelo Partido Democrático. O Partido Democrático é o partido dos capitalistas. Por isso, ao acolhermos o representante de Zohran Mamdani, incentivamo-lo fraternalmente a romper com o Partido Democrático se o seu objectivo é vencer e executar o programa com que se apresentou. E não apenas a romper com o Partido Democrático, mas, mais, a convocar, em Nova Iorque e em todo o país, os trabalhadores e os jovens que querem uma política de ruptura para lançarem as bases de um autêntico partido dos trabalhadores, um partido que não hesite em reclamar-se do socialismo, como individualmente faz Zohran Mamdani (sem deixar de reivindicar a sua filiação no Partido Democrático). Caso contrário, dada a contradição entre reivindicar-se do socialismo e reivindicar-se do Partido Democrático, é de recear que, no fim de contas, como já visto em tantas ocasiões, acabe por ser a filiação no Partido Democrático a levar a melhor. Pela nossa parte, porque reivindicamos o programa da IVª Internacional, somos solidários com os trabalhadores e os jovens dos Estados Unidos que procuram uma saída positiva. Só podemos incentivar os representantes da sua ala mais radical a romper com o espartilho do partido dos milionários, o Partido Democrático."

Zohran Mamdani e Bernie Sanders num comício em Nova Iorque, 26 de Outubro de 2025

>>>

● DEZ ANOS DEPOIS

>>> Essa seria a linguagem que autênticos militantes trotskistas membros da IVª Internacional teriam usado. A história ainda não está escrita. Veremos o que acontecerá à volta de Mamdani depois de 4 de Novembro. Da nossa parte, só podemos desejar que Zohran Mamdani se comprometa com o caminho da ruptura, para que a mobilização que ele dirige tenha um desfecho positivo. Seria o caminho mais económico. Mas a prostração dos dirigentes da CCI diante do rótulo reivindicado de "candidato do Partido Democrático", portanto de um dos dois principais partidos do imperialismo, longe de incentivar à ruptura, reforça as ilusões mortais sobre este ponto crucial.

E as ameaças contra a China?

No comício, não é, de resto, a guerra como um todo que interessa, muito menos a guerra imperialista global, mas uma guerra concentrada principalmente em Gaza e no genocídio. Noventa por cento das intervenções contra a guerra no comício de 5 de Outubro incidem em Gaza. Indignação e preocupações legítimas. Contudo, as ameaças à China não figuram no comício. A única pessoa que lhe faz referência é a representante de uma ONG de esquerda dos Estados Unidos, Medea Benjamin, não para defender a propriedade estatal saída da Revolução de 1949, mas para afirmar (muito louvavelmente, aliás) que o povo dos Estados Unidos não considera o povo chinês seu inimigo.

No entanto, para quem se reivindique do programa da IVª Internacional, isso passa ao lado da questão essencial. Nem o «trotskista» Stéphane Jouteux nem o «trotskista» Legavre, que preferem não se situar num ponto de vista de classe e da relação entre a guerra e a luta de classes, perdem uma palavra sobre o facto de o imperialismo se estar a preparar para um confronto com a China. Nem uma palavra que evidencie a contradição entre o sistema social chinês e o sistema social capitalista e, obviamente, nem uma palavra de afirmação de uma posição independente em caso de conflito entre os Estados Unidos e a China. Como justificar aqueles que, «socialistas» ou «trotskistas» nas palavras, fazem silêncio sobre as ameaças do imperialismo?

E a guerra na Ucrânia?

E a Ucrânia? Os militantes russos e ucranianos presentes no comício pronunciaram-se com clareza. Mas então e o «trotskista» Jouteux, que, na sua introdução ao comício, saudou «*os deputados de* La France Insoumise *que lutam incansavelmente e sem concessões na Assembleia Nacional e nas ruas*»? Como é, por exemplo, com o «trotskista» Legavre? Este denuncia os orçamentos de guerra em geral, mas «esquece» as 32 votações dos deputados europeus da LFI a favor do financiamento da guerra na Ucrânia. «Esquece» a intervenção da sua colega deputada da LFI Sofia Chikirou em Março passado, na Assembleia Nacional, a favor do envio de tropas francesas para a Ucrânia. Tanto os eurodeputados da LFI como a deputada Chikirou, todos exprimem pelas suas votações e intervenções que partilham a posição do governo Macron e dos capitalistas franceses sobre «a defesa da Ucrânia». Lenin chamava a tal gente «social-chauvinistas»: socialistas nas palavras, chauvinistas nos actos. Ao recusarem os «trotskistas» do POI-LFI relacionar a luta contra a guerra com a luta contra a exploração, ao recusarem, portanto, ter uma posição de classe sobre a questão da guerra, eles acabam a dar cobertura – não há outro termo – às posições dos dirigentes de *La France insoumise* e do seu próprio imperialismo e do seu executivo, o governo Macron, a favor do armamento da Ucrânia.

A duplicidade do deputado Le Gall (*La France insoumise*)

O deputado de *La France insoumise* Le Gall ficou de algum modo encarregado de encerrar o comício em nome dos organizadores franceses. É instrutivo comparar o que disse o deputado Le Gall como orador do comício da CCI e o que ele diz como membro da comissão de relações exteriores da Assembleia Nacional.

Na tribuna do comício da CCI, Arnaud Le Gall gaba a existência de «uma Internacional pela paz, uma Internacional pelos trabalhadores, uma Internacional dos povos». Porém, em 19 de Fevereiro deste ano, o mesmo Arnaud Le Gall, falando perante a comissão de assuntos externos da Assembleia Nacional, declarava: «*O fechamento na noção de Europa da defesa, que, de facto, está sob a égide da NATO, é uma das razões do problema. Não avançamos. Não avançamos, não funciona! (...) Não há vontade comum de fazer compras na Europa. Assustada com as primeiras declarações de Trump, o primeiro reflexo de Von der Leyen foi referir que iríamos comprar ainda mais material militar aos Estados Unidos. Quando reclama, por exemplo, que o Fundo Europeu de Defesa fique prioritariamente afecto a investimentos europeus, a França fica sozinha.*» Internacional pela paz ou fundo europeu para financiar os preparativos de guerra, convinha optar!

No comício de 5 de Outubro, Arnaud Le Gall denuncia a «*economia de guerra*» que «*se explica, em primeiro lugar, pelo facto de, após décadas de desindustrialização, a indústria do armamento ter ficado, em muitos países, como a França, como um dos últimos baluartes*».

Mas o mesmo Arnaud Le Gall, em 19 de fevereiro de 2025, perante a comissão dos negócios estrangeiros, polemiza assim contra os deputados da direita: «*Não sei se vocês não compreendem ou se fingem não compreender os nossos argumentos. Nós queremos que a Europa se fortaleça. Queremos que se fortaleça militarmente. Queremos a sua autonomia estratégica.*» Um pouco mais adiante: «*Propomos relançar cooperações bilaterais,*

O deputado Le Gall (LFI), "contra a guerra" em comício no Domingo; no Parlamento, "pela defesa nacional", no resto da semana

trilaterais, quadrilaterais sérias em matéria de indústria europeia de armamento, em vez de pagar a contribuição de 5% que os americanos querem, comprando-lhes o material deles.» E mais adiante: «*Não venham cá caricaturar os nossos argumentos, dizendo que queremos despojar a Europa da sua defesa!*»

Dá para perceber que não há melhor defensor da «*Europa da defesa*», ou seja, da Europa do capital a defender militarmente os seus interesses, do que Arnaud Le Gall. A 5 de Outubro, Le Gall no comício: «*A paz civil e internacional é, portanto, a urgência do nosso tempo. Para* La France insoumise*, isso passou a ser o eixo principal da nossa luta.*» Arnaud Le Gall, dezassete dias depois, perante a comissão dos negócios estrangeiros: «*Estamos hoje a examinar o artigo 45.º do projeto de lei do orçamento para 2026, que prevê afectar 28 mil milhões e 780 milhões de euros das receitas do Estado à contribuição da França para o orçamento da União Europeia. É um aumento excepcional, de 24,6 % (...) Reitero-o, não é o princípio da contribuição para a União Europeia que está em causa, mas sim a sua utilização, que eu queria pôr em questão.*»

Esclareceu que: «*Na ajuda à Ucrânia, há 50 mil milhões de euros, 17 em subvenções, 33 em empréstimos. Esta ajuda padece, a meu ver, de falta de rastreabilidade e da acumulação de instrumentos financeiros, alguns pouco compreensíveis (...), não se pode deixar de ter este debate público, que virá, assim como assim, e que forma um pouco o pano de fundo da questão do apoio à Ucrânia, cujo princípio não pomos em causa.*»

Uma posição social-chauvinista assumida

Que nome dar, então, à posição de Le Gall? É uma posição chauvinista, euro-chauvinista, que vai ao encontro do social-chauvinismo do próprio Jean-Luc Mélenchon que, a 25 de Setembro, declarava o seu «*apoio à Dassault quando esta recusa pôr-se à disposição da Alemanha*». Recorde-se que Dassault, um dos principais capitalistas da produção de armas no mundo, fornece, nomeadamente, aviões de combate a Israel, tendo sido o seu principal fornecedor de armas entre 1948 e 1969.

A viragem social-chauvinista da CCI é, pois, facto assente, sendo-o, consequentemente, a sua ruptura com a Internacional Operária e, logo, com o trotskismo. Os partidários da reconstituição da IVª Internacional não têm alternativa a não ser continuar o difícil caminho por que enveredaram. Fiéis aos princípios enunciados por Leon Trotsky em Julho de 1933, propõem-se construir partidos operários revolucionários autênticos que lutem pela frente única, pela defesa das organizações e instituições que constituem a classe operária e por um sistema de reivindicações transitórias que ajudem a classe operária a chegar ao poder. ●

3 de novembro de 2025

(1) Brochura da TCI: «A militarização generalizada: um novo patamar na crise do capitalismo? Que saída para a humanidade?» Relatório apresentado ao 59º congresso da secção francesa da IVª Internacional, 31 de Maio a 1 de Junho de 2025.

(2) Leon Trotsky, Obras, versão francesa, tomo 1, página 261 e seguintes.

(3) Passemos por cima da verdadeira fraude da parte da CCI que foi pôr as organizações sindicais em que exerce forte influência a votarem a participação e o financiamento do comício, apresentado como comício organizado por sindicalistas de todo o mundo. Na realidade, o comício ouviu principalmente representantes de formações políticas, sendo os únicos oradores franceses dois deputados de *La France insoumise* e outro, membro da direcção do POI-LFI. Em tal comportamento, estranho à tradição do movimento sindical na França, há algo que não é, em contrapartida, estranho à tradição do Partido Democrático nos Estados Unidos, cujos candidatos são apoiados e financiados por milhões de dólares das organizações sindicais, prometendo-lhes que actuarão como amigos do movimento operário (*Friends of Labor*) e passando de seguida a trair todos os compromissos.

● TEORIA

O que é o fascismo e como combatê-lo?

Selecção de textos escritos por Leon Trotsky (excertos)

Fascismo, democracia parlamentar…

"A revolução alemã e a burocracia estalinista", Janeiro de 1932

Democracia e fascismo

(…) Há uma contradição entre fascismo e democracia. Não é uma contradição "absoluta": usando a linguagem do marxismo, ela não reflecte o domínio de duas classes irredutíveis. Designa, sim, dois sistemas diferentes de domínio de uma e a mesma classe. Os dois sistemas, o parlamentar democrático e o fascista, assentam em combinações diferentes entre as classes oprimidas e exploradas e entram iniludivelmente em conflito agudo entre si. (...)

A vez do regime fascista chega quando os meios militares e políticos "normais" da ditadura burguesa deixam de ser suficientes para manter o equilíbrio da sociedade. Através dos agentes do fascismo, o capital põe em movimento as massas da pequena burguesia enraivecida, os bandos de lumpen-proletários desclassificados e desmoralizados, esses inúmeros seres humanos que o próprio capital financeiro mergulhou na raiva e no desespero. A burguesia exige do fascismo serviço completo: uma vez aceites métodos de guerra civil, quer-se sossego por muitos anos. Os agentes do fascismo, usando a pequena burguesia como aríete e levando à frente todos os obstáculos, que levem o serviço a bom porto. A vitória do fascismo redunda em que o capital financeiro agarra directamente, nas suas tenazes de aço, todos os órgãos e instituições de domínio, direcção, educação: o aparelho do Estado, com o exército, os municípios, as universidades, as escolas, a imprensa, as organizações sindicais, as cooperativas. A fascização do Estado não implica a mera "mussolinização" das formas e métodos de governo — as mudanças neste aspecto acabam por desempenhar papel secundário —, mas, acima de tudo, o esmagamento das organizações operárias: é preciso reduzir o proletariado a um estado de completa apatia e criar uma rede de instituições que penetre profundamente nas massas, impedindo a cristalização independente do proletariado. É exactamente nisto que reside a essência do regime fascista.

Léon Trotsky

O que se acaba de dizer não contradiz de maneira nenhuma que, durante determinado período, possa haver um regime de transição entre o sistema democrático e o sistema fascista, combinando as características de um e do outro: é uma lei geral da substituição de um sistema por outro, mesmo que irremediavelmente hostis entre si. (...)

Durante décadas, os trabalhadores construíram, dentro da democracia burguesa, usando-a enquanto lutavam contra ela, os seus bastiões, as suas bases, os seus focos de democracia proletária: sindicatos, partidos, clubes de formação, organizações desportivas, cooperativas, etc. O proletariado consegue chegar ao poder não no quadro formal da democracia burguesa, mas pela via revolucionária: demonstra-o tanto a teoria como a experiência. Mas é precisamente para essa via revolucionária que o proletariado precisa de bases de democracia proletária em que se possa apoiar dentro do Estado burguês. O trabalho da IIª Internacional acabou por se reduzir, na época em que ela ainda desempenhava um papel histórico progressista, à criação de tais bases.

A função principal e única do fascismo é destruir até aos alicerces todos os bastiões da democracia proletária. Isso tem ou não tem "significado de classe" para o proletariado? Que os grandes teóricos se debrucem sobre o problema. Tendo qualifi-

cado o regime como burguês – o que é indiscutível –, Hirsch[1], tal como os seus mestres, esquece um pormenor: o lugar do proletariado nesse regime. Substitui esta gente o processo histórico por uma abstracção sociológica árida. Mas a luta de classes trava-se no chão da história, não na estratosfera da sociologia. O ponto de partida da luta contra o fascismo não é a abstracção do Estado democrático, mas as organizações vivas do proletariado, onde se condensa toda a sua experiência e onde se prepara o futuro.

O facto de a passagem da democracia ao fascismo poder ter carácter "orgânico" ou "progressivo" não significa, evidentemente, nada mais do que isto: é possível retirar ao proletariado, sem sobressaltos nem lutas, não só as suas conquistas materiais – um certo nível de vida, legislação social, direitos cívicos e políticos –, mas também o principal instrumento dessas conquistas, ou seja, as suas organizações. Assim, a passagem "a frio" para o fascismo pressupõe a mais terrível capitulação política do proletariado que se possa imaginar. (…)

"A Única Via", Outubro de 1932

Burguesia, pequena burguesia e proletariado

(…) A burguesia decadente não é capaz de se manter no poder pelos métodos e meios do Estado parlamentar que construiu; é-lhe necessário o fascismo como instrumento de autodefesa, pelo menos nos momentos mais críticos. (…) Mas a burguesia bem estabelecida não gosta da maneira fascista de resolver os problemas, pois os abalos, mesmo que sejam do interesse da sociedade burguesa, não são isentos de riscos para ela. Daí o antagonismo entre o fascismo e os partidos tradicionais da burguesia...

A grande burguesia não aprecia os métodos fascistas, tal como um homem com dores na mandíbula não gosta que lhe arranquem os dentes. Os círculos respeitáveis da sociedade burguesa olhavam com ódio para os exercícios do dentista Pilsudski[2], mas acabaram por se sujeitar ao inevitável, com as devidas ameaças, negociações e traficâncias. E eis que o ídolo da pequena burguesia de ontem se faz gendarme do capital. (...)

"A viragem da Internacional Comunista e a situação na Alemanha", Setembro de 1930

Pequena burguesia e fascismo

(…) O fascismo passou a ser um perigo real na Alemanha; é um reflexo do impasse agudo do regime burguês, do papel conservador da social-democracia face a esse regime e da fraqueza acumulada do Partido Comunista, incapaz de derrubá-lo. Quem o negue ou é cego ou um fanfarrão. (…)

A sobrestimação do fascismo pela direcção comunista deu numa das causas do posterior fortalecimento do fascismo. O erro oposto, a subestimação do fascismo pela actual direcção do Partido Comunista, pode levar a revolução a uma derrota ainda mais grave, e por muitos anos.

A questão do ritmo de desenvolvimento, que não depende, obviamente, apenas de nós, confere a esse perigo uma acuidade particular. Os picos de febre registrados pela curva das temperaturas políticas, que as eleições revelam, levam a crer que o ritmo de desenvolvimento da crise nacional pode ser muito rápido. Por outras palavras, o curso dos acontecimentos pode, num futuro muito próximo, fazer ressurgir na Alemanha, num novo patamar histórico, a velha contradição trágica entre a maturidade da situação revolucionária, por um lado, e a fraqueza e a carência estratégica do partido revolucionário, por outro. É preciso dizê-lo claramente, abertamente e, acima de tudo, com suficiente antecedência.

Novas considerações sobre o exemplo da Alemanha e a política do Partido Comunista

"A Única Via", Outubro de 1932

Burguesia, pequena burguesia e proletariado

(…) A responsabilidade política primordial pelo crescimento do fascismo recai, evidentemente, na social-democracia. Desde a guerra imperialista, a política desse partido tem consistido em apagar da consciência do proletariado a ideia de uma política independente, em convencê-lo do carácter eterno do capitalismo e em colocá-lo de joelhos diante da burguesia em decomposição. A pequena burguesia pode aliar-se aos operários — se os vir como novos senhores.

A social-democracia ensina o operário a comportar-se como um lacaio. A pequena burguesia não seguirá um lacaio. A política do reformismo retira ao proletariado toda a possibilidade de dirigir as massas plebeias da pequena burguesia, transformando estas últimas, assim, em carne para canhão do fascismo.

Para nós, a responsabilidade da social-democracia não esgota o problema político. (...)

A social-democracia é aliada ou inimiga do fascismo?

(…) Quando, há cerca de três anos, indicámos que o ponto de partida da próxima crise na Áustria e na Alemanha seria, muito provavelmente, o irredutível antagonismo entre a social-democracia e o fascismo; quando, com base nisso, rejeitámos a teoria do social-fascismo que, longe de evidenciar esse conflito iminente, pelo contrário o mascarava; quando anunciámos que a social-democracia, incluindo uma parte importante do seu aparelho, podia, pelo curso dos acontecimentos, ser arrastada para a luta contra o fascismo, criando isso ao Partido Comunista uma posição inicial favorável

>>>

● TEORIA

>>> para uma ofensiva posterior, grande número de comunistas, não só funcionários assalariados, mas também revolucionários totalmente sinceros, acusaram-nos de idealizar a social-democracia. Parece que bastava ficar de braços cruzados. É difícil polemizar com pessoas cujo pensamento pára onde, para um marxista, o problema apenas começa. (...)

Ano passado, escrevi que, na luta contra o fascismo, os comunistas deviam estar prontos para celebrar um acordo prático, não só com o diabo e a sua avó, mas também com Grzesinsky[3]. Esta frase deu a volta ao mundo da imprensa estalinista: haveria melhor prova do "social-fascismo" da oposição de esquerda? Alguns camaradas avisaram-me que "*eles vão-se aproveitar dessa frase*". Eu respondi: "*A frase foi escrita precisamente para eles se aproveitarem dela. Que eles peguem num ferro em brasa e queimem os dedos! É preciso dar lições aos imbecis.*" O curso da luta levou Von Papen[4] a familiarizar Grzesinsky com a prisão. Encaixava o episódio na teoria do social-fascismo e nas previsões da burocracia estalinista? Não, estava em total contradição com elas. Em contrapartida, a nossa avaliação da situação admitia totalmente tal eventualidade e atribuía-lhe um lugar determinado.

Mas a social-democracia, replicará um estalinista, voltou a recusar o combate, uma vez mais. Sim, recusou-o. Quem acreditasse que a social-democracia desse luta de forma independente, por iniciativa dos seus dirigentes e, ainda mais, em condições em que o próprio Partido Comunista era incapaz de dar luta, só podia ficar desapontado. Não esperávamos tal milagre. A social-democracia não podia, portanto, "decepcionar-nos".

"Onde está o erro da política actual do Partido Comunista Alemão?"

(carta a um operário comunista alemão, membro do Partido Comunista Alemão),
8 de Dezembro de 1931

A Alemanha vive hoje um dos seus momentos históricos maiores; o destino do povo alemão, o destino da Europa e, em grande medida, o destino de toda a humanidade nas próximas décadas dependem dele. Quando se coloca uma bola no cimo de uma pirâmide, basta um pequeno toque para ela rolar para a direita ou para a esquerda. Tal é a situação de que a Alemanha se aproxima a cada hora que passa. Há forças que querem que a bola role para a direita e quebre os rins à classe operária. Outras querem manter a bola no vértice. Uma utopia. A bola não pode permanecer no cimo da pirâmide. Os comunistas gostariam que a bola rolasse para a esquerda e quebrasse os rins ao capitalismo. Não basta querer, é preciso ser capaz. Tentemos, mais uma vez, examinar calmamente a situação: a política actualmente seguida pelo comité central do Partido Comunista Alemão: é certa ou errada? (...)

Olhando de novo para a experiência russa!

Para apresentar a minha ideia da forma mais clara e concreta possível, recorrerei à experiência da revolta de Kornilov[5]. Em 26 de Agosto de 1917 (calendário antigo), o general Kornilov lançou sobre Petrogrado um destacamento de cossacos e uma divisão selvagem. Estava no poder Kerenski[6], ordenança da burguesia e três quartos aliado de Kornilov. Lenin estava na clandestinidade, acusado de estar ao serviço dos Hohenzollern; na época, eu estava preso, sob a mesma acusação, numa cela da "Kresty". Que atitude tomaram então os bolcheviques? Tinham todo o direito de dizer que "para derrotar o bando de Kornilov, é preciso derrotar o bando de Kerenski." Disseram-no mais de uma vez, porque era correcto e necessário para a propaganda futura. Só que, para resistir a Kornilov no dia 26 de Agosto e seguintes e impedi-lo de massacrar o proletariado de Petrogrado, isso estava muito longe de bastar. Por isso, os bolcheviques não se contentaram em lançar um apelo geral aos operários e soldados: "Rompam com os conciliadores e apoiem a frente única vermelha dos bolcheviques!" Não, os bolcheviques propuseram aos socialistas revolucionários e aos mencheviques uma frente única de combate e criaram com eles organizações de luta comuns. Foi ou não foi correcto? Thälmann[7] que me responda. Para mostrar ainda mais claramente como se apresentava a frente única, evocarei o seguinte episódio: libertado da prisão graças a uma fiança paga pelas organizações sindicais, fui directamente da minha cela para uma sessão do Comité de Defesa Popular, onde, com o menchevique Dan e o socialista revolucionário Gots, que eram aliados de Kerenski e me tinham mantido na prisão, examinei e resolvi os problemas da luta contra Kornilov. Foi ou não foi correcto? Remmele[8] que me responda.

Brüning, "mal menor"?

A social-democracia apoia Brüning[9], vota nele, assume perante as massas a responsabilidade pela sua política, baseando-se na ideia de que o governo Brüning é um "mal menor". É esse ponto de vista que a *Rote Fahne* me tenta imputar, a pretexto de eu ter protestado contra a estúpida e vergonhosa participação dos comunistas no referendo de Hitler. Será, porém, que a oposição de esquerda alemã e eu, em particular, pedimos aos comunistas que votassem em Brüning e lhe dessem o seu apoio? Nós, marxistas, consideramos Brüning e Hitler, assim como Braun[10], representantes de um e o mesmo sistema. A questão de saber qual deles é o "mal menor" não faz sentido, pois o sistema contra o qual lutamos precisa de todos os seus elementos. Contudo, hoje, esses elementos estão em conflito, e o partido do proletariado deve absolutamente usar esse conflito em prol da revolução.

Há, numa escala, sete notas. Perguntar qual nota é "melhor", dó, ré ou sol, não faz sentido. No entanto, o músico tem de saber quando tocar em que tecla. Perguntar, em abstracto quem, entre Brüning e Hitler, é o menor mal carece igualmente de sentido. Mas é preciso saber qual das teclas tocar. Está claro? Para quem não entenda, demos outro exemplo. Se um dos meus inimigos me envenena todos os dias com pequenas doses de veneno e outro quiser disparar sobre mim pelas costas, começarei por arrancar o revólver das mãos do meu segundo inimigo, o que me dará o ensejo de acabar depois com o primeiro. Mas isso não significa que o veneno seja um "mal menor" do que o revólver.

Infelizmente, os chefes do Partido Comunista Alemão puseram-se no mesmo terreno que a social-democracia, contentando-se em inverter o sinal: a social-democracia vota em Brüning, qualificando-o de mal menor; os comunistas, que se recusam terminantemente a confiar em Brüning e em Braun (com toda a razão), saíram à rua para apoiar o referendo de Hitler, ou seja, a tentativa dos fascistas de derrubar Brüning. Fazendo-o, reconheceram em Hitler o mal menor, já que uma vitória no referendo levaria ao poder Hitler, não o proletariado. Até faz impressão ter de explicar algo tão elementar! É mau, péssimo, que músicos como Remmele, em vez de distinguirem as notas, toquem piano com as botas.

Que tarefas para os militantes revolucionários? Como formular uma política de frente única operária?

(…) É altura de nos voltarmos contra o fascismo, formando uma só frente. E tal frente de luta directa contra o fascismo, comum a todo o proletariado, há que dela servir-se para um ataque pelo flanco, mas ainda mais eficaz, contra a social-democracia.

É preciso dar mostras concretas da máxima pressa em formar um bloco com os social-democratas contra os fascistas em todo o lado em que eles estiverem dispostos a aderir a esse bloco. Quando se diz aos operários social-democratas: "Abandonem os vossos chefes e juntem-se à nossa frente única, apartidariamente", a única coisa que se está a fazer é acrescentar mais uma frase vazia a milhares de outras. É preciso saber separar os operários do seus chefes na acção. E a acção, agora, é a luta contra o fascismo.

Não resta a mínima dúvida de que há e haverá operários social-democratas dispostos a lutar contra o fascismo lado a lado com os operários comunistas, independentemente e mesmo contra a vontade das organizações social-democratas. É necessário, evidentemente, estabelecer os laços mais estreitos possível com esses operários de vanguarda. Só que, para já, eles são poucos. O operário alemão está educado num espírito de organização e disciplina. Isso tem lados fortes e lados fracos. A esmagadora maioria dos operários social-democratas quer lutar contra os fascistas, mas, para já, apenas com a sua organização. É impossível saltar esta etapa. Temos de ajudar os operários social-democratas a verificar, na prática – numa situação nova e excepcional – o que valem as suas organizações e os seus chefes, quando em causa está a vida ou a morte da classe operária.

Impor à social-democracia o bloco contra os fascistas

Infelizmente, há, no comité central do Partido Comunista, muitos oportunistas aterrorizados. Ouviram dizer que o oportunismo era o amor pelos blocos.

Por isso, são contra os blocos. Não compreendem a diferença que possa existir entre um arranjo a nível parlamentar e um acordo de combate, mesmo o mais modesto, para uma greve ou para protecção dos tipógrafos contra os bandos fascistas. (...)

Nenhuma plataforma comum com a social-democracia nem os dirigentes dos sindicatos alemães, nenhuma publicação, nenhuma bandeira, nenhum cartaz comum! Marchar separadamente, golpear juntos! Chegar a acordo unicamente quanto à forma de golpear, em quem e quando! Há maneira, neste ponto, de chegar a acordo com o diabo, a avó do diabo e mesmo Noske[12] e Grzesinski. Na única condição de não amarrarmos as nossas mãos.

Por fim, é preciso elaborar rapidamente um conjunto prático de medidas, não com o objectivo de "desmascarar" a social-democracia (perante os comunistas), mas com o objectivo de lutar efectivamente contra o fascismo. Tal programa deve incidir na protecção das fábricas, na liberdade de acção dos comités de fábrica, na intocabilidade das organizações e instituições operárias, na questão dos depósitos de armas de que os fascistas se possam apoderar, nas medidas a tomar em caso de perigo, ou seja, nas acções militantes dos destacamentos comunistas, social-democratas, etc.

Na luta contra o fascismo, aos comités de fábrica cabe um lugar imenso. Neste ponto, é necessário um programa de acção particularmente bem feito. Cada fábrica deve transformar-se numa fortaleza antifascista, com um comandante e equipas de combate. É necessário arranjar os planos dos quartéis e doutros focos fascistas em cada cidade, em cada distrito. Os fascistas tentam sitiar os focos revolucionários. Sitie-se o sitiante. Um acordo neste terreno com as organizações social-democratas e sindicais não só é admissível, como é obrigatório. Recusá-lo em nome de considerações "de princípio" (na verdade, por estupidez burocrática ou, pior ainda, por covardia) equivale a ajudar directamente o fascismo.

(...) O programa de acção há-de ser puramente prático, puramente concreto, sem "exigências" artificiais, sem segundas intenções, de modo que o traba- >>>

● TEORIA

>>>

lhador social-democrata médio possa dizer: o que os comunistas propõem é absolutamente indispensável para lutar contra o fascismo. Nessa base, é preciso treinar os operários social-democratas pelo exemplo e criticar os seus chefes que, inevitavelmente, se oporão e travarão o movimento. É a única via possível para a vitória.

(…) Nada devemos retirar à nossa crítica da social-democracia. Nada devemos esquecer do passado. No momento oportuno, ajustaremos todas as nossas contas históricas, entre elas as contas de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg. Tal como nós, bolcheviques russos, apresentámos, no fim, uma factura global aos mencheviques e aos socialistas-revolucionários pelas perseguições, calúnias, prisões e assassinatos de operários, soldados e camponeses. (...)

Mas essa vitória, é preciso querê-la. Ora, entre os funcionários comunistas há, infelizmente, muitos carreiristas medrosos e burocratas, que prezam o seu postozinho, o seu salário e, mais ainda, a sua pele. Essa gente tem muita tendência a armar-se com frases ultra-esquerdistas, que dissimulam um fatalismo patético e desprezível. "*Não se pode lutar contra o fascismo sem ter derrotado a social-democracia!*", diz o revolucionário feroz... enquanto prepara o passaporte para o estrangeiro.

Operários comunistas, sois centenas de milhares, milhões, sem ter para onde ir, para todos vocês não haverá passaportes que cheguem. Se o fascismo chegar ao poder, passar-vos-á como um tanque medonho sobre o crânio e a espinha. A salvação só virá da luta sem piedade. Só a aproximação na luta aos operários social-democratas pode trazer a vitória. Apressem-se, operários comunistas, resta-vos pouco tempo!

"A Revolução Alemã e a Burocracia Estalinista", Janeiro de 1932

Situação sem esperança?

(…) Tenha-se em mente que a política de frente única é muito mais eficaz para a defesa do que para o ataque. É mais fácil levar as camadas conservadoras ou retrógradas do proletariado à luta pela defesa de conquistas já alcançadas do que pela conquista de novas posições.

Os decretos de excepção de Brüning e a ameaça vinda de Hitler são, nesse sentido, um sinal de alarme "ideal" para a política de frente única. Não é tanto questão de defesa, no sentido mais elementar e óbvio do termo. É, em tais condições, possível ganhar para a frente única a grande maioria da classe operária. Mais ainda, os objectivos da luta não podem deixar de encontrar a simpatia das camadas inferiores da pequena burguesia, incluindo os lojistas dos bairros e distritos operários.

Apesar de todas as dificuldades e perigos, a situação actual na Alemanha apresenta enormes vantagens para o partido revolucionário; ela dita imperativamente um plano estratégico claro: da defensiva passar à ofensiva. Sem renunciar por um único instante ao seu objectivo principal, que continua a ser a conquista do poder, o Partido Comunista ocupa, para as acções imediatas, uma posição defensiva. É altura de devolver à fórmula "classe contra classe" o seu significado real! (...)

Hoje, muita gente "de esquerda" demonstra grande pessimismo quanto ao destino da Alemanha. Em 1923, dizem, quando o fascismo ainda era muito fraco e o Partido Comunista gozava de grande influência nos sindicatos e comités de fábrica, o proletariado não conseguiu a vitória; como se há-de esperar a vitória hoje, quando o partido enfraqueceu e o fascismo é incomparavelmente mais forte?

Este argumento, à primeira vista convincente, é na verdade totalmente falacioso. Em 1923, ante a batalha, parou-se: ante o espectro do fascismo, o partido recusou-se a lutar. Não havendo luta, não pode haver vitória. É precisamente a força do fascismo e a pressão que ele faz que hoje excluem qualquer possibilidade de recusar a luta. É preciso lutar. Se a classe operária alemã der luta, pode vencer. Tem de vencer. (...)

Facto surpreendente, que não foi apreciado ao seu justo valor, tanto quanto se possa julgar à distância, foi este: os mineiros de Hirsch-Dunker[13] declararam que era preciso substituir o sistema capitalista pelo sistema socialista! Isso significa que amanhã eles concordarão em criar sovietes como forma de organização de toda a classe. Talvez já estejam de acordo hoje: bastará perguntar-lho! Este sintoma é, só por si, cem vezes mais importante do que todos os juízos impressionistas desses senhores, homens de letras e belos oradores, que se queixam desdenhosamente das massas. (...)

A desorientação nas fileiras do proletariado é um incentivo para os fascistas. Eles continuam na ofensiva. O perigo aumenta. Mas é exactamente esta aproximação do perigo fascista o que sensibilizará extraordinariamente os trabalhadores de vanguarda, criando uma atmosfera favorável para avançar com propostas claras e simples, que conduzam à acção. (...)

Na Alemanha, a oposição de esquerda é numericamente fraca. Mas a sua influência política pode revelar-se decisiva numa viragem histórica abrupta. Assim como o agulheiro, accionando oportunamente uma alavanca, pode mandar um comboio pesadamente carregado para outra via, também a fraca oposição pode, accionando a alavanca ideológica com gesto firme e seguro, obrigar o comboio do Partido Comunista Alemão e, sobretudo, o pesado comboio do proletariado alemão, a mudar de direcção. (...)

É preciso encontrar uma linguagem comum com esses milhões de operários comunistas. É preciso, apesar dos insultos, calúnias e perseguições, chegar à

consciência desses operários, mostrar-lhes que queremos a mesma coisa que eles; que não temos outros interesses além dos do comunismo; que o caminho que indicamos é o único caminho certo.

É preciso desmascarar impiedosamente os capituladores ultra-esquerdistas; é preciso exigir aos "dirigentes" uma resposta clara à pergunta: o que fazer agora? e propor a nossa própria resposta para todo o país, para cada região, para cada cidade, para cada bairro, para cada fábrica.

Dentro do partido, é preciso criar células de bolcheviques-leninistas. Eles devem inscrever na sua bandeira: mudança de orientação, reforma do regime do partido. Onde conseguirem uma base sólida, passem à aplicação prática da política de frente única, mesmo a uma escala local pouco importante. Expulsá-los-á a burocracia do partido? Claro que sim, mas o seu reinado, nas condições actuais, não durará muito.

É necessária uma discussão pública, sem interrupções de reuniões, sem citações truncadas, sem calúnias venenosas, uma troca leal de opiniões nas fileiras dos comunistas e de todo o proletariado: foi assim que, na Rússia, durante todo o ano de 1917, polemizámos com todos os partidos e dentro do nosso próprio partido. É preciso, graças a essa ampla discussão, preparar um congresso extraordinário do partido com um único ponto na ordem do dia: "Que vamos fazer?" Os oposicionistas de esquerda não são intermediários entre o Partido Comunista e a social-democracia. São soldados do comunismo, seus agitadores, seus propagandistas, seus organizadores. É preciso voltar-se para o partido! É preciso explicar-lhe! É preciso convencê-lo!

Se o Partido Comunista se vir obrigado a aplicar a política de frente única, isso permitirá quase de certeza repelir a ofensiva dos fascistas. E uma vitória séria sobre o fascismo abrirá o caminho à ditadura do proletariado.

Mas não será por se pôr à cabeça da revolução que o Partido Comunista conseguirá resolver todas as contradições que carrega. A missão da oposição de esquerda não estará concluída, de forma alguma. Num certo sentido, apenas começará. A vitória da revolução proletária na Alemanha deverá ter como primeira tarefa a liquidação da dependência burocrática em relação ao aparelho estalinista.

Amanhã, após a vitória do proletariado alemão e mesmo antes, na sua luta pelo poder, o jugo que paralisa a Internacional Comunista quebrar-se-á. A indigência das ideias do centrismo burocrático, as limitações nacionais do seu horizonte, o carácter antiproletário do seu regime, tudo isso aparecerá à luz da revolução alemã, que será incomparavelmente mais viva do que a da revolução de Outubro. As ideias de Marx e Lenin não deixarão de triunfar no proletariado alemão.

[1] **Hirsch**, Werner Daniel (1899-1941), redactor-chefe do jornal alemão *Die Rote Fahne* em 1930 e secretário de Thälmann. Chamado a Moscovo em 1937, preso e provavelmente fuzilado (como "agente da Gestapo").

[2] **Pilsudski**, Joseph (1867-1935), co-fundador do Partido Socialista Polaco, presidente da Polónia de 1918 a 1922. Por meio de um golpe de Estado, instaurou, em 12 de Maio de 1926, uma ditadura fascista assente no exército.

[3] **Grzesinski**, Albert (1879-1947), secretário sindical em 1906, deputado social-democrata ao Landtag da Prússia em 1919, chefe da polícia em Berlim em 1925, depois de 1933 um dos chefes da emigração social-democrata na França e nos Estados Unidos; participou nas negociações e nas organizações da Frente Popular alemã no exílio. No início dos anos quarenta, estava na ala direita da emigração do SPD nos Estados Unidos.

[4] **Papen**, Franz v. (1879-1970), entre outros cargos, foi chanceler do Reich em 1932. No início de 1933, contribuiu de forma decisiva para a preparação do gabinete de Hitler (vice-chanceler até 1934). Encarcerado num campo de trabalho depois de 1945, libertado em 1949.

[5] **Kornilov**, L.I. (1870-1918), comandante em chefe do exército em Agosto de 1917, fez uma intentona falhada em Agosto de 1917.

[6] **Kerenski**, Alexandre (1883-1970), socialista revolucionário, primeiro-ministro em 1917, derrubado pela revolução de Outubro.

[7] **Thälmann**, Ernst (1886-1944), presidente do KPD desde 1925, definiu a linha estalinista do partido. Preso em 1933, passou 11 anos e meio em isolamento celular antes de ser fuzilado em Buchenwald, em 18 de Agosto de 1944.

[8] **Remmele**, Hermann (1880-1939), redactor-chefe do jornal do KPD *Die Rote Fahne*, emigrou para a União Soviética em 1933, foi preso em 1937 e foi vítima das "purgas".

[9] **Brüning**, Heinrich (1885-1970), político do *Zentrum*, chanceler do Reich em 28 de Março de 1930, graças à "tolerância" do SPD. Emigrou para os Estados Unidos em 1934.

[10] **Braun**, Otto (1872-1955), ministro presidente da Prússia de 1920 a 1933, com breves interrupções. Derrubado pelo golpe de Estado de Papen em 2 de Julho de 1932. Emigrou para a Suíça em Março de 1933.

[12] **Noske**, Gustav (1868-1946), desde 1906 chefe de fila da ala direita do SPD no Reichstag. Reprimiu a "revolta espartaquista" no início de Janeiro de 1919. Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht foram assassinados com o consentimento de Noske.

[13] **Hirsch-Dunckersche Gewerkvereine**: associação fundada em 1869 pelo Partido Progressista Alemão (burguês), contra a social-democracia e os sindicatos operários, para acolher trabalhadores não social-democratas e também capitalistas.

● CORRESPONDÊNCIA

Afeganistão

Bagram: o bocado que vai ficar atravessado na garganta do imperialismo norte-americano

O imperialismo e o imutável paradigma do expansionismo

O IMPERIALISMO não é uma "política" facultativa, mas uma "necessidade" estrutural do sistema capitalista na sua fase monopolista-financeira. O imperialismo é o estádio supremo inerente ao sistema capitalista, cuja essência se cristaliza na guerra, na agressão, na ocupação, na pilhagem e na exploração das nações. Para escapar às suas contradições internas e crises contínuas, designadamente a queda das taxas de lucro, o sistema requer expansão constante para novos mercados, recursos baratos e esferas de influência. Esta expansão acompanha-se intrinsecamente de guerras militares sangrentas, agressão militar, intervenções, derrubes de Estados, ocupações e criação de instabilidade estrutural. Há pelo menos meio século que o Afeganistão tem sido vítima desta política predadora dos imperialistas e das potências coloniais.

Base militar de Bagram, Afeganistão

As recentes declarações de Donald Trump de que "*se o Afeganistão não devolver a Base Aérea de Bagram àqueles que a construíram, os Estados Unidos da América, COISAS MÁS ACONTECERÃO*" não são mais do que o reiterar da mesma linguagem feita de ameaças, intimidação e unilateralismo imperialista, que desmascara a verdadeira face das políticas dos EUA. Estas palavras são mera continuação da mesma lógica de hegemonia que levou o Afeganistão à beira da destruição em 2001, sob o falso pretexto da "guerra contra o terrorismo".

A constante ameaça de anexar o Canadá como 51º estado dos Estados Unidos, as tentativas de ocupar a Gronelândia, a pressão sobre o Panamá para tomar o controlo do Canal, o aviso para evacuar Gaza dos seus habitantes nativos e entregá-la aos EUA para construir uma onírica zona turística lucrativa, a venda de armas modernas e a ajuda financeira para continuar a guerra na Ucrânia, o financiamento e armamento de Israel para o genocídio na Palestina e o apoio aos ataques e à agressão de Israel ao Líbano, Síria, Iémen, Irão e Qatar, o envio de navios de guerra e forças militares para a costa da Venezuela para derrubar o governo eleito de Maduro e, para acabar, agora, a ameaça de reocupar o Afeganistão, tudo isto reflecte a natureza do imperialismo norte-americano no plano da acumulação de capital e da hegemonia económica e política.

Sobre a classe operária e as classes laboriosas de todo o mundo abatem-se as terríveis consequências económicas, geopolíticas e em matéria de luta de classes desta política do imperialismo americano, belicista e predadora, e de todo o sistema capitalista assente na propriedade privada e em relações de produção injustas. As orientações militares, eco-

nómicas e geopolíticas da administração Trump, grado representante do sistema capitalista selvagem, mostram como o imperialismo norte-americano e os seus parceiros da NATO continuam a jogar um jogo fatal com os seus rivais por cima das ossadas dos povos da Ucrânia, do Médio Oriente, de África, da América Latina e agora do Afeganistão. Neste caminho, chegam ao ponto de usar forças fundamentalistas e grupos terroristas que eles mesmos cultivaram.

A importância estratégica de Bagram na Guerra Fria e não só

A Base Aérea de Bagram, localizada na província afegã de Parwan, é mais do que uma base militar; é um símbolo geopolítico. Começou a sua construção a União Soviética, na década de cinquenta, como parte da competição da Guerra Fria e para fornecer ajuda ao então governo afegão. Mas após a invasão militar soviética em 1979, esta base tornou-se no principal centro logístico e operacional do Exército Vermelho, sendo uma ferramenta fundamental para dominar a região.

Após a retirada soviética, a base ficou sob controlo do governo fantoche pró-soviético de Najibullah e, entre 1992 e 1996, do governo islâmico dos mujahidin e dos senhores da guerra apoiados pelo Paquistão, pelo Ocidente e pelos governos árabes. Com a queda do governo mujahidin, em 1996, a base foi tomada pelos talibãs, passando a funcionar como centro de treino para terroristas nacionais e internacionais.

Contudo, com a invasão dos EUA, em Outubro de 2001, Bagram voltou a ser centro do poder militar de uma superpotência estrangeira. A base, com uma área de 77 quilómetros quadrados, tem duas pistas com mais de 3.000 metros de comprimento e é capaz de mobilizar mais de 100 caças, incluindo bombardeiros estratégicos B-1B e B-52. No auge da presença da NATO, a base tornara-se uma "mini-cidade militar", com mais de 10 mil militares americanos e da NATO, uma grande prisão ao estilo de Guantánamo, cadeias de restaurantes, pavilhões de boliche e instalações avançadas de comunicação e espionagem. Durante duas décadas, Bagram foi centro de coordenação de bombardeamentos, incursões nocturnas e atrozes interrogatórios por parte dos Estados Unidos e da NATO.

Trump e o seu círculo belicista estão cheios de vontade de recuperar esta base estratégica. A alegação americana de que a base está agora ao serviço da China e é por ela ocupada ou de que os EUA precisam dela para "combater o terrorismo" é uma grande e repetida mentira. A história das últimas duas décadas provou que a presença militar e dos serviços de informação dos EUA no Afeganistão não só não erradicou o terrorismo, como criou condições objectivas de pobreza, insegurança e instabilidade, proporcionando uma plataforma para o crescimento e a proliferação de mais de vinte e dois novos grupos terroristas. O lema do combate ao terrorismo é um negócio lucrativo para o imperialismo norte-americano e uma desculpa para expandir a sua influência e hegemonia.

A retirada apressada e vergonhosa dos EUA, em Agosto de 2021, e a queda de Bagram para os talibãs representaram um duro golpe para o prestígio internacional do imperialismo norte-americano. Tanto durante a sua campanha eleitoral como agora, Donald Trump culpa sempre a administração Biden pela derrota dos EUA no Afeganistão, pela retirada vergonhosa das suas forças militares da base de Bagram e pelo abandono de mais de 80 mil milhões de dólares em equipamento militar aos talibãs. O esforço da administração Trump para reocupar Bagram não é, portanto, um mero objectivo estratégico; é uma tentativa de recuperar credibilidade perdida e demonstrar força.

Acordo monetário em troca de soberania nacional e economia de guerra

Informações de meios de comunicação paquistaneses segundo as quais os EUA estarão a negociar com os talibãs um pagamento mensal de 300 milhões de dólares pelo uso de Bagram são um exemplo clássico da economia política da guerra, em que, para sobreviverem, as classes dominantes estão dispostas a aceitar qualquer posição e qualquer acordo infame, sem que ao povo e às classes trabalhadoras chegue o mínimo benefício.

Nesta perspectiva, sendo os talibãs quem actualmente manda no Afeganistão, eles puseram a soberania nacional e a integridade territorial do Afeganistão à venda no mercado político global e regional para poderem continuar o seu governo medieval. A exigência talibã de mil milhões de dólares/mês pela entrega da base de Bagram aos Estados Unidos é indicativa de como eles compreendem o valor estratégico dessa mercadoria.

O pagamento desse montante pelos EUA é, na prática, o aluguer de um instrumento de violência. É um orçamento que pode ser facilmente financiado pelo orçamento militar dos EUA, que atingiu 886 mil milhões de dólares em 2024, produzindo, enquanto isso, enormes lucros para o complexo militar-industrial dos EUA por via de contratos de manutenção, abastecimento e fornecimento de armas para a base.

É um modelo económico que põe a nu a verdadeira natureza da guerra contra o terrorismo: a transformação da violência numa indústria lucrativa para a classe dominante capitalista e os oligarcas que controlam os principais recursos económicos. Segundo o Instituto Watson da Universidade de Brown, a presença americana no Afeganistão custou aos contribuintes americanos mais de 2,3 biliões de dólares (2 seguido de nove zeros) entre 2001 e 2021. Voltar a Bagram é, na verdade, reinjectar dinheiro na máquina de guerra de uma minoria capitalista no poder.

● CORRESPONDÊNCIA

Comprar a soberania nacional de um país por dinheiro é porventura a maneira mais barata com que os Estados Unidos podem sonhar. Porém, todos sabem que o regime dos talibãs não tem legitimidade entre o povo afegão, e nenhum país estrangeiro, excepto a Rússia, o reconheceu. Portanto, qualquer acordo ou negociação com o odiado regime talibã é considerado uma traição ao povo afegão. Além disso, as negociações oficiais e secretas da delegação americana com o regime misógino dos talibãs ridicularizam a presunção americana de se opor às violações pelos talibãs dos direitos humanos e dos direitos das mulheres. Para o imperialismo americano e seus aliados da NATO, os valores humanistas são importantes quando servem para fazer pressão; quando os seus interesses estratégicos assim o exigem, fazem acordos e amizade com as mais sombrias forças, se for preciso.

A importância geopolítica de Bagram como alavanca de contenção da China, Rússia e da região

A importância de Bagram para os EUA não se limita ao Afeganistão nem aos talibãs. A localização geográfica da base torna-a um activo estratégico fundamental na competição com a China, a Rússia e os seus aliados na região:

1. Vigilância da China: Bagram fica a menos de 500 quilómetros da Região Autónoma de Xinjiang, na China, onde vive uma população uigur, predominantemente muçulmana e insatisfeita com o governo chinês. Essa proximidade permite aos Estados Unidos implantar sistemas avançados de vigilância electrónica, como o RC-135 Rivet Joint, para interceptar comunicações e vigiar os movimentos chineses nessa região sensível. Por outro lado, os EUA poderiam, como parte de uma estratégia mais ampla para conter, cercar e desestabilizar a China, minar diretamente a segurança e a estabilidade da China, fornecendo apoio financeiro e armamento ao Movimento Islâmico do Turquestão Oriental, que tem a sua base no Norte do Afeganistão.

2. Pressão sobre a Rússia e os seus aliados na região: o acesso a Bagram comprometeria a profundidade estratégica da Rússia na Ásia Central, intensificando a preocupação de Moscovo com a estabilidade na sua periferia sul. A base poderia servir de etapa para operações e intervenções em áreas de interesse da Rússia. Dezenas de grupos terroristas islâmicos compostos por cidadãos de países da Ásia Central, assim como chechenos, que lutaram na Síria, deixaram este país após a queda do regime de Bashar al-Assad, com a ajuda de Abu Muhammad al-Julani (que tem um historial de filiação no ISIS e em grupos terroristas). Foram enviados para outros países, incluindo o Afeganistão, o Paquistão e alguns países da Ásia Central.

É compreensível que a China e a Rússia estejam a levar muito a sério as últimas declarações de Donald Trump e manifestem a sua preocupação. A oposição da China e da Rússia à presença militar dos EUA no Afeganistão não se deve a compaixão pelo povo afegão, mas sim aos seus próprios cálculos estratégicos contra a hegemonia americana.

Após a retirada das forças americanas e da NATO do Afeganistão, em Agosto de 2021, o governo chinês e as empresas por ele controladas entraram no Afeganistão. Enquanto, nos dois primeiros anos do regime talibã, as ruas de Cabul e outras províncias do Afeganistão se encheram todos os dias de protestos generalizados das mulheres contra os talibãs, com as manifestantes a entoarem palavras de ordem por "pão, trabalho, liberdade", respondendo os talibãs à bala e sofrendo os manifestantes espancamentos, prisões e tortura, o governo chinês, dirigido pelo "Partido Comunista", entrou descaradamente em acordos políticos e económicos com um regime de tal modo misógino, anti-científico, anti-liberdade e anti-civilização.

Ignorando o comportamento desumano e brutal dos talibãs para com o povo afegão, especialmente as mulheres, raparigas e minorias étnicas e religiosas, o governo chinês investiu na extracção de minérios e recursos económicos do Afeganistão, assinando com o regime ilegítimo dos talibãs dezenas de contratos no valor de dezenas de milhares de milhões de dólares. Em 31 de Janeiro de 2024, Xi Jinping tornou-se o primeiro presidente estrangeiro a aceitar as credenciais do embaixador dos talibãs, em Pequim.

A Rússia e a China têm ilusões quanto à sua posição contra os talibãs. Ainda não compreendem bem o regime talibã. Esperam poder usar os talibãs contra os Estados Unidos e o Ocidente e impedir a infiltração de grupos terroristas na Ásia Central e na China.

Só que, em 28 de Agosto de 2025, os talibãs provaram que não se atêm a nenhum princípio ou regra diplomática, quando cancelaram o contrato com uma empresa chinesa para a "Extracção de Petróleo do Amudária" durante 25 anos, prendendo 12 funcionários chineses no Norte do Afeganistão. Assim, se as negociações entre os talibãs e os EUA sobre a entrega da base de Bagram aos EUA em troca de centenas de milhões de dólares mensais, se o reconhecimento do governo talibã, se o desbloqueamento do dinheiro afegão congelado e se a remoção dos nomes dos chefes talibãs da lista negra da ONU correrem bem, a renovada presença militar dos EUA no Afeganistão poderá perturbar os sonhos dourados da China e da Rússia.

O povo afegão entre dois fogos

A situação interna no Afeganistão é trágica. O povo do país está entre duas forças destrutivas:

1. O governo talibã

O governo talibã, que é um regime reacionário, anti-mulheres e antidemocrático, tem, durante estes quatro anos, feito sua prioridade aplicar a Sharia islâmica e leis misóginas, sem ter nenhum plano de previdência social ou de redução da pobreza e do desemprego. Segundo relatórios da

ONU, 80% da economia do Afeganistão desfez-se desde que os talibãs assumiram o poder. Mais de 23 dos 35 milhões de habitantes do país estão em grave insegurança alimentar. As severas restrições impostas às mulheres privam-nas de educação, trabalho e participação social.

2. O imperialismo norte-americano e os seus aliados reaccionários internos.

Os generais e funcionários corruptos do regime Karzai-Ghani e antigos senhores da guerra como Dostum, Ahmad Massoud, Mohaqiq, Ismail Khan e Sayaf, que têm um longo historial de crimes de guerra, corrupção e tráfico de droga, procuram regressar ao poder à boleia das botas dos soldados estrangeiros. Os antigos senhores da guerra desempenharam um papel fundamental na queda do primeiro regime talibã, em 2001, e, posteriormente, como infantaria dos americanos. Em troca dos seus serviços e da traição à pátria, os Estados Unidos concederam-lhes poder significativo e privilégios financeiros durante os governos de Hamid Karzai e Ashraf Ghani. Estas forças, acusadas de crimes de guerra, obtiveram, ainda, imunidade judicial.

Os senhores da guerra exilados manifestaram a sua satisfação e apoio à ameaça e ao anúncio de Trump de os EUA ocuparem a base militar de Bagram, manifestando a sua disponibilidade para servirem os Estados Unidos como forças mercenárias locais. O recente acordo do Congresso dos EUA à adopção de uma lei que facilite a partilha de informações com opositores dos talibãs mostra também que Washington prossegue uma estratégia dupla, negociando e fazendo acordos financeiros com os talibãs enquanto apoia forças da oposição, para aumentar a pressão.

Ocupação militar ou ocupação pelos serviços de informações

As forças militares dos talibãs entraram em Cabul em 15 de Agosto de 2021, assumindo o controlo do aeroporto de Cabul e de outras províncias. A retirada das forças militares dos EUA e da NATO sob supervisão e garantia dos talibãs concluiu-se entre 15 e 31 de Agosto de 2021. Os EUA e a NATO retiraram as suas forças militares, mas a presença dos seus serviços de informações nunca diminuiu.

Embora os talibãs se pretendam independentes, todos sabem que o espaço aéreo afegão ainda é controlado pelos Estados Unidos e que as serviços de informações americanos, britânicos, alemães e franceses têm forte presença no Afeganistão. Os talibãs não podem continuar a governar o Afeganistão sem a ajuda semanal de 40 a 80 milhões de dólares. Esse apoio financeiro dos Estados Unidos estabilizou o valor do afghani em relação às moedas estrangeiras, melhorando-o até em comparação com a época de Ashraf Ghani.

Talvez os EUA não se consigam apoderar militarmente da base de Bagram, como fizeram na Alemanha, Coreia do Sul, Japão, Turquia, Arábia Saudita e Qatar. Contudo, na era da tecnologia e da inteligência artificial, os EUA conseguem, em conluio com os talibãs, alcançar os seus objectivos de outra maneira.

Zalmay Khalilzad, ex-representante especial dos EUA para a paz no Afeganistão e uma das peças-chave do Acordo de Paz de Doha de 2020 entre os EUA e os talibãs, escreveu, na sua página X, em 21 de Setembro de 2025, sem deixar margem para dúvidas, que os EUA nunca mais tencionam voltar a ter presença militar no Afeganistão, apenas querem garantir que a base de Bagram não sirva aos vizinhos do Afeganistão (a China).

A experiência da guerra entre a Rússia e a Ucrânia

Ao arrepio dos acordos de paz com a União Soviética para pôr fim à guerra fria após o colapso da União Soviética, os Estados Unidos e a NATO prolongaram a guerra fria, praticamente criando condições para um confronto directo, ao expandirem a NATO na Europa Oriental e cercarem a Rússia e os seus aliados. As raízes da agressão da Rússia contra a Ucrânia remontam a antes de 2014, à altura em que os EUA e a NATO apertavam dia após dia o cerco à Rússia e ignoravam os avisos e preocupações cada vez mais prementes da Rússia. Depois de 2014, a Ucrânia acabou, na prática, por, na fronteira com a Rússia e a Bielorrússia, se tornar num importante centro de informações e operações dos EUA e da NATO contra a Rússia. Ante a intimidação dos EUA, França, Inglaterra e Alemanha, a Rússia invadiu território ucraniano com a justificação da autodefesa e da acção preventiva. Nos seus discursos, Donald Trump adverte sempre, todavia, que, se fosse ele o presidente dos EUA, a guerra entre a Rússia e a Ucrânia nunca teria acontecido.

Os talibãs não se podem dar ao luxo de dar mais poder e influência em solo afegão a qualquer desses dois rivais nucleares e maiores gigantes económicos do mundo. Dar privilégios especiais a uma das partes só provocará e irritará a outra. Os Estados Unidos não tolerarão o investimento de milhares de milhões de dólares da China nos recursos naturais e minas do Afeganistão, nem o uso da base militar de Bagram; nem a China, a Rússia e o Irão podem ficar indiferentes à vasta influência americana no Afeganistão, contra a sua própria segurança.

Há muito que os Estados Unidos se opõem à "*Belt and Road Initiative*" da China, que ligaria a Ásia, a África e a Europa através de 65 países. Além dos benefícios económicos, a iniciativa também poderá contribuir para a hegemonia e influência da China nestes três continentes. Não há dúvida de que a execução deste plano, que vale 8 mil milhões de dólares, comprometeria os interesses estratégicos dos EUA nos três continentes e aproximaria os aliados tradicionais dos EUA da China.

Em Setembro de 2025, os EUA criaram à Índia um dilema económico e de trânsito, ao sancionarem o porto iraniano de Chabahar, desse modo benefi-

>>>

● CORRESPONDÊNCIA

>>> ciando o Paquistão, principal rival regional da Índia. As inúmeras concessões dos EUA ao Paquistão e a imposição de direitos aduaneiros da ordem de 50% sobre os produtos indianos pressionam as relações entre a Índia e os EUA. A última reunião dos Estados-membros da Organização de Cooperação de Xangai, em Tianjin, na China, em Agosto de 2025, mostrou claramente que a China tem aproveitado a seu favor os novos desenvolvimentos, encontrando poderosos novos amigos, como a Índia. A China vai tentando, passo a passo, substituir os EUA nas equações regionais e globais.

Como referido na introdução, as potências imperialistas estão dispostas a aplicar cenários anti-humanos e anti-ambientais em prol do lucro e da hegemonia sobre os seus rivais. Na Ucrânia, a Rússia está, de facto, em guerra com a NATO, abrindo-se a possibilidade de se usarem armas nucleares e começar uma terceira guerra mundial. Não é, pois, do interesse de nenhum país ou nação experimentar outra vez, entre os Estados Unidos e a China, na zona geográfica do Afeganistão, o cenário catastrófico da guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

Alternativa de esquerda

Os talibãs, como qualquer regime dependente e antidemocrático, podem querer negociar com os Estados Unidos ou qualquer outro agressor o destino do povo afegão; mas a história mostra que o povo afegão nunca se rendeu à ocupação e agressão de impérios e potências estrangeiras, derrubando-os e derrotando-os, a eles e aos seus governos fantoches locais. Dado esse contexto único do povo afegão, nem o governo de Donald Trump ousa reocupar o Afeganistão, nem os talibãs podem concluir um acordo com facilidade. A localização geopolítica do Afeganistão e a natureza do seu povo tornam impossível para qualquer agressor ou valentão engolir o apetecível bocado sem se engasgar.

Na perspectiva da Esquerda Radical do Afeganistão (LRA), a maneira de salvar o Afeganistão e criar estabilidade na região não é nem o retorno do imperialismo e da sua guerra com os seus rivais no Afeganistão, nem a consolidação do domínio do fundamentalismo islâmico. A única alternativa possível é a organização da luta unida e independente das massas trabalhadoras, dos trabalhadores, intelectuais e mulheres por um programa progressista, democrático, laico, anti-imperialista, anti-fundamentalista e pró-justiça. Se se criar uma frente composta por forças de esquerda, laicas e democráticas interessadas na instauração de uma república laica e descentralizada, assente na justiça social e na igualdade de direitos para as mulheres, conseguir-se-á cortar a mão imperialista, que quer rapinar Bagram e o Afeganistão, e garantir a paz e a estabilidade no Afeganistão e na região. ●

Left Radical of Afghanistan (LRA)
Esquerda Radical do Afeganistão

A Internacional

Revista do CORQI (Comité de Organização pela Reconstituição da IVª Internacional)

Assina!

Assino *A Internacional* - 6 números: 24 euros

Apelido, nome: .....

Endereço: .....

Endereço electrónico:.....

Cheques à ordem de 'Réveil ouvrier' - 67, avenue Faidherbe, 93100 Montreuil, França

Declaração dos Comunistas Internacionalistas de Buchenwald (IVª Internacional) - 20 de Abril de 1945

1. A situação internacional do capitalismo

Com o desfecho da Segunda Guerra Mundial, Itália, Alemanha e Japão perderam a sua posição de grandes potências imperialistas, enquanto a França ficou gravemente abalada.

As contradições e conflitos imperialistas entre Estados Unidos e Grã-Bretanha dominam as zonas de turbulência da política imperialista mundial. Desde o início da guerra mundial, a Rússia saiu do seu isolamento e encontra-se actualmente a braços com o problema de concretizar política e militarmente os seus êxitos militares contra as aspirações das potências imperialistas vitoriosas. A China, apesar dos seus notáveis esforços, continua a ser objecto das grandes potências imperialistas, necessária consequência da vitória da burguesia chinesa sobre o proletariado chinês.

A unanimidade demonstrativamente afirmada nas conferências imperialistas internacionais de paz serve para esconder das massas as contradições imanentes das potências capitalistas. Os interesses militares coincidentes contra a Alemanha não podem, porém, impedir que rebentem as contradições no campo aliado. A estas contradições acrescem as inevitáveis crises e convulsões sociais do declínio do modo de produção capitalista. Uma análise exacta da situação internacional, aplicando os métodos do marxismo-leninismo, é condição indispensável para uma política revolucionária com êxito.

2. A situação internacional da classe operária

Esta evolução dá ao proletariado alemão a possibilidade de recuperar rapidamente da sua mais profunda derrota e de voltar a pôr-se à cabeça do proletariado europeu na luta pelo derrube do capitalismo. A revolução russa, isolada pelo fracasso da revolução na Europa, tomou um rumo que a afastou cada vez mais dos interesses do proletariado europeu e internacional. A política do "socialismo num só país" representou de início apenas os interesses da camarilha burocrática dominante; traz actualmente o Estado russo para uma política de nacionalismo ao lado das potências imperialistas. Seja qual for a evolução na Rússia, o proletariado internacional terá de libertar-se de qualquer ilusão neste Estado e chegar, mediante uma análise marxista clara, à conclusão de que a casta de burocratas e militares actualmente no poder defende exclusivamente os seus próprios interesses e que a revolução internacional terá de passar sem o apoio deste governo.

O completo desastre militar, político e económico da burguesia alemã abre ao proletariado alemão o caminho para a sua libertação. Para impedir o renascimento da burguesia alemã que as contradições imperialistas favorecem, a classe operária terá que conduzir a sua luta revolucionária em cada país contra a sua própria burguesia. A classe operária foi privada da sua direcção revolucionária pela política das duas organizações operárias internacionais que activamente combateram e sabotaram a revolução proletária; elas eram as únicas que poderiam ter impedido esta guerra. A IIª Internacional é um instrumento da burguesia. A IIIª Internacional passou, depois da morte de Lenin, a ser uma agência da política externa da burocracia russa. Ambas participaram activamente na preparação e condução desta guerra imperialista, da qual são co-responsáveis. Quem responsabilize ou co-responsabilize a classe operária por esta guerra continua simplesmente a servir a burguesia.

O proletariado só pode realizar a sua tarefa histórica sob a direcção de um novo partido revolucionário mundial. A construção desse partido é a tarefa imediata de todos os elementos mais avançados da classe operária. Na luta contra o capitalismo e os seus agentes reformistas e estalinistas, quadros revolucionários internacionais já se reuniram para a construção desse partido mundial. Para realizar esta difícil tarefa, não há diversão possível pela palavra de ordem conciliadora de uma nova Internacional II½. Tal formação intermediária impede a necessária clarificação ideológica e trava a eficácia revolucionária.

3. 9 de Novembro de 1918, nunca mais!

No período pré-revolucionário iminente, o caso é mobilizar as massas trabalhadoras na luta contra a burguesia e preparar a construção de uma nova Internacional revolucionária que realize a união da classe operária na acção revolucionária.

Todas as teorias e ilusões em matéria de "Estado popular" ou "democracia popular" têm apontado a classe operária às derrotas mais sangrentas nas lutas de classes na sociedade capitalista. Só a luta intransigente contra o Estado capitalista até à sua destruição e à instauração do Estado dos conselhos operários e camponeses poderá impedir novas derrotas. A burguesia e a pequena burguesia desenraizada levaram o fascismo ao poder. O fascismo é uma criação do capitalismo. Só a acção inde-

>>>

● HISTÓRIA/DOCUMENTO

>>> pendente e vitoriosa da classe operária contra o capitalismo pode destruir o mal do fascismo pela raiz. Nessa luta, a pequena burguesia hesitante seguirá o impulso do proletariado revolucionário, como nos ensinou a história das grandes revoluções.

Para se manter vitoriosa nas lutas de classes que se avizinham, a classe operária alemã deve lutar pela realização das seguintes reivindicações:

– Liberdade de organização, de reunião e de imprensa! Liberdade de associação e restabelecimento imediato de todas as conquistas sociais anteriores a 1933!

– Eliminação completa de todas as organizações fascistas! Confiscação de suas fortunas em favor das vítimas do fascismo! Julgamento de todos os representantes do Estado fascista por tribunais populares livremente eleitos!

– Dissolução da *Wehrmacht*, substituída por milícias operárias!

– Eleições imediatas e livres de conselhos operários e camponeses em toda a Alemanha e convocação de um congresso geral dos conselhos!

– Sem deixar de utilizar todas as instituições parlamentares da burguesia para a propaganda revolucionária, mantenham-se e ampliem-se os conselhos!

– Expropriação dos bancos, da indústria pesada e dos proprietários fundiários! Controlo da produção pelos sindicatos e conselhos operários!

– Nem um homem, nem um pfénigue para as dívidas de guerra e reparações da burguesia! A burguesia que pague!

– Pela revolução socialista em toda a Alemanha, contra o desmembramento da Alemanha!

– Confraternização revolucionária com os proletários dos exércitos de ocupação! Por uma Alemanha dos conselhos numa Europa dos conselhos! Pela revolução proletária mundial! ●

Os comunistas internacionalistas de Buchenwald (IVª Internacional), 20 de Abril de 1945: Karl Fischer, Marcel Baufrère,

● HISTÓRIA

Comemoração do 80º aniversário da Declaração dos Comunistas Internacionalistas de Buchenwald

Por ocasião do octogésimo aniversário da Declaração em epígrafe, a *Association Les amis d'*Arbeiter und Soldat / *der Verein die Freunde von* Arbeiter und Soldat organizou, em 11 de Outubro de 2025, um evento comemorativo, seguido de um colóquio em Buchenwald e Weimar. Foi o segundo evento deste tipo. No dia 5 de Outubro de 2024, a associação inaugurara, em Brest, duas placas comemorativas e realizara o seu primeiro colóquio[1].

Assembleia da associação Les Amis d'*Arbeiter und Soldat*, 11 de Outubro de 2025

No campo de concentração de Buchenwald...

No dia 11 de Outubro, militantes prestaram homenagem, em Buchenwald, aos militantes da IVª Internacional deportados, assassinados, bem como aos que sobreviveram ao inferno dos campos de Buchenwald e Mittelbau-Dora. Foram também homenageadas as militantes deportadas para o campo de concentração feminino de Ravensbrück, que conseguiram sobreviver. Evocaram-se, ainda, os militantes assassinados em França.

Quatro dos dezassete — tanto quanto se sabe — militantes sobreviventes foram autores da "Declaração dos Comunistas Internacionalistas de Buchenwald": Karl Fischer, Marcel Baufrère, Ernst Federn e Florent Galloy. Dois militantes austríacos, um militante francês e um militante belga. Catorze militantes foram assassinados ou morreram nas condições de tortura e mortífera exploração da sua força de trabalho pelos nazis[2].

No seu discurso de homenagem aos quatro militantes que redigiram a "Declaração", Olivier Doriane, membro da TCI, secção francesa da IVª Internacional, fez a pergunta cardinal: "*Como foi possível que estes militantes, nos campos, nas piores condições possíveis de miséria e opressão, com a morte à espreita, tivessem conseguido redigir um documento como este?*" Ele próprio deu a resposta: "*temos de dizer que a determinação destes homens, para além das suas incontestáveis qualidades individuais, assentava num trabalho colectivo, fazia parte de uma organização e se apoiava num programa. (...) É, já, expressão de uma política internacionalista, já continuidade dessa mesma política.*" Tal política é o programa de fundação da IVª Internacional, que foi a única que soube "*manter-se no terreno da fraternidade internacionalista contra a guerra imperialista*". O camarada evocou o "Manifesto de Alarme" da IVª Internacional, de 1940, e a luta do SWP nos EUA. Lembrou os combatentes da Oposição de Esquerda nos campos de Stalin, em 1941, que quiseram defender a URSS; a luta dos operários e camponeses da Índia contra o colonialismo (1942); a revolução proletária na Itália (1943); as greves operárias e manifestações na Grécia (1944); e, ainda, a luta dos trotskistas chineses... Lutas em que a IVª Internacional participou consequentemente, defendendo a independência da classe operária contra a burguesia e o imperialismo. O camarada concluiu com estas palavras: "*A "*Declaração dos comunistas internacionalistas de Buchenwald*" e a publicação de "*Arbeiter und Soldat*" são elos na cadeia da luta secular pelo internacionalismo proletário. E que elos são!*"

O colóquio em Weimar

No seu discurso de boas-vindas, o presidente da federação concelhia de Weimar-Weimarer Land da DGB (Confederação Alemã dos Sindicatos), Torsten Lerche, declarou que não tinha conhecimento da "Declaração dos Comunistas Internacionalistas de Buchenwald". Só nos preparativos do discurso de boas vindas se familiarizara com o texto, que merecia divulgação.

Testemunhos e documentos da luta de militantes da IVª Internacional, que são testemunho da vontade e prontidão da juventude para combater!

François Preneau, o presidente da associação, esboçou o trabalho do *Comité pela IVª Internacional*, donde, no final de Dezembro de 1943, emergiu o *Parti ouvrier internationaliste*, em Brest e Nantes, trabalho indissociavelmente ligado à publicação dos seus jornais, entre os quais o "*Arbeiter und Soldat*" (Operário e Soldado). De salientar que "*estes jovens revolucionários que publicavam o Front Ouvrier* [jornal dirigido aos trabalhadores da base naval; nota do autor] *em Brest e Nantes eram todos jovens operários.*" Em 1940, tinham entre 17 e 20 anos. Criaram células clandestinas, constituídas por mulheres e homens. Operários alemães em uniforme, politizados, aderiram à IVª Internacional. O trabalho terminou abruptamente quando foi denunciado à Gestapo. Todos os soldados alemães foram presos, fuzilados ou enviados para a frente leste. Quase quarenta lutadores franceses foram deportados para Buchenwald e Dora, e as militantes para Ravensbrück. Martin Monath e Robert Cruau foram fuzilados. François Preneau cita a última edição do *Front Ouvrier* (final de Setembro de 1943), que homenageava os 19 lutadores comunistas de Brest, fuzilados em 17 de Setembro: "*Todos eles sabiam que esta guerra só beneficia a burguesia. Não lutaram pelos banqueiros. Não lutaram pelos financeiros internacionais. Lutaram por outra coisa. Lutaram pela classe operária, por uma nova sociedade, livre da camarilha imperialista.*" O trabalho de confraternização não terminou com o fim da guerra[4].

O historiador holandês Jan Willem Stutje[5] apresentou as linhas gerais do seu livro "*Folterfabriek Buchenwald*" (Fábrica de Tortura de Buchenwald), em que deu destaque ao papel dos *kapos*. O livro é também uma homenagem ao trabalho de Ernst Federn, um dos autores da "Declaração". Referiu J.W. Stutje que "*Federn pôs a nu o trágico da situação, desmascarando os* kapos *políticos, especialmente os de ideologia estalinista. Segundo Federn, o símbolo mais chocante do campo de concentração não era o oficial da SS, mas sim o preso de triângulo vermelho que roubava e espancava até à morte os seus companheiros de prisão.*" Os *kapos* "vermelhos" passaram a desempenhar um papel importante após as derrotas dos nazis (nomeadamente Stalingrado): por causa das derrotas, "*a administração do campo de Buchenwald quis aumentar a produção e, consequentemente, dar prioridade, para* kapos, *aos presos políticos "vermelhos" em detrimento dos criminosos "verdes" (...) A reputação dos "vermelhos"*

>>>

● HISTÓRIA

>>>

assentava na sua disciplina e talento para organizar trabalhos forçados; os "verdes" tinham fama de cruéis, ladrões e corruptos – qualidades úteis numa atmosfera de terror e extermínio, mas não para um campo de trabalho eficiente e produtivo." Num relatório de 19 de Junho de 1945 aos membros da direcção da IVª Internacional em Paris, Ernst Federn fez a seguinte caracterização: *"A atitude da facção "comunista" alemã não era uniforme. (...) Temos de começar por distinguir dois grupos: os antigos combatentes dos anos 1917-1923 e os funcionários do PC posteriores. Os antigos combatentes comportaram-se connosco quase sempre decentemente, como camaradas. (…) A facção mais jovem perseguiu-nos e prejudicou-nos sempre que podia, com poucas excepções. (...) Os funcionários do campo com poder de decisão não tinham qualquer interesse em questões políticas ou teóricas, com uma ou outra excepção."*

Loïc le Bars, membro da direcção da associação, dedicou a sua intervenção a "Marcel Baufrère, militante operário da IVª Internacional", que aderira ao comunismo logo aos 13 anos de idade. Traçou a vida política de Marcel Baufrère, da qual se destacará aqui apenas uma situação importante: em 7 de Outubro de 1943, foi preso com cerca de quinze militantes bretões, torturado pela Gestapo e depois deportado para Buchenwald. Lá conhece Ludwig Woicher (militante do SAP, Partido Socialista dos Trabalhadores) e Ernst Federn. *"Reconhecido como trotskista por um funcionário do KPD, a quem a SS havia confiado a administração do campo, foi denunciado pelos responsáveis do PC francês como "agente da SS". Escapou por várias vezes, da deportação para um campo de extermínio ou da transferência para o "bloco das cobaias", graças às intervenções de Woicher e Federn junto dos comunistas alemães e dos seus camaradas checos, que, após investigação, refutaram as alegações dos estalinistas franceses. Formou, em seguida, uma célula trotskista composta por militantes de várias nacionalidades."* Loïc le Bars concluiu com uma citação deste militante revolucionário, de 1947, *"hoje mais actual do que nunca:* 'Buchenwald e Auschwitz não são apenas memórias cruéis, são também testemunhos do que a burguesia sempre fará enquanto os trabalhadores não lhe arrebatarem os meios do seu poder'".

Claudius Naumann, membro da direcção da associação, salientou a diferença entre a "Declaração dos Comunistas Internacionalistas" e, por exemplo, a declaração dos sociais-democratas, *"que deu por assente uma culpa colectiva do povo alemão"*, ou a posição dos estalinistas, que substituíram a independência de classe pela república parlamentar burguesa. A "Declaração" enfileirava na tradição de luta revolucionária contra a nossa própria burguesia: *"Só a acção independente da classe trabalhadora contra o capitalismo é, bem-sucedida, capaz de erradicar pela raiz o mal do fascismo."* A conclusão de Claudius Naumann foi que *"a Declaração dos Comunistas Internacionalistas de Buchenwald, redigida há 80 anos, continua actualíssima. É maior do que nunca o perigo de as guerras actuais alastrarem para uma nova guerra mundial. Tão-pouco se dissipou o perigo de o domínio da burguesia voltar a revestir formas fascistas, como podemos observar com preocupação. A luta dos militantes de Brest e a declaração dos Comunistas Internacionalistas de Buchenwald não foram em vão. Eles mostraram que há uma alternativa às guerras assassinas em que trabalhadores uniformizados de países diferentes se massacram: é a confraternização, pelo critério do interesse de classe comum. A classe operária é a única força capaz de travar os fautores de guerra imperialistas, eliminar o seu poder e, assim, salvar a humanidade da barbárie."*

O historiador Ernst Neweling apresentou uma panorâmica da iniciativa revolucionária da classe operária na Alemanha: *"Entre 1933 e 1945, eles nunca conseguiram quebrar a resistência antifascista, apesar de todo o terror e de toda a barbárie. Após a derrota de Stalingrado de Fevereiro de 1943, multiplicaram-se os grupos de resistência, especialmente de operários."* A concluir, referiu que "o *movimento dos conselhos de fábrica e o chamado movimento Antifa, que se deu em toda a Alemanha, independente das potências ocupantes, foi um meio para a reconstrução e reorganização do movimento operário em 1945. A classe operária demonstrou, com grande rapidez e determinação, toda a sua capacidade de acção e organização. Nessa base se desenvolveram embriões de órgãos de duplo poder, tal como os conhecemos de situações revolucionárias na história do movimento operário. (...) Ao contrário do que acontecera a seguir à Primeira Guerra Mundial, este movimento conselhista não se conseguiu desenvolver e centralizar como em 1918/19 — um medo sempre presente nos alertas das potências aliadas. (...) Foi com base nesses órgãos que surgiram os grandes sindicatos, divididos entre o Leste e o Oeste. Querendo os trabalhadores servir-se deles para as suas lutas, entraram em constante conflito com as direcções. Este movimento operário independente soçobrou ante a brutal intervenção militar, repressão e fragmentação das potências ocupantes. Na ausência de um novo partido revolucionário dirigente — pelo qual se haviam pronunciado, entre outros, os internacionalistas de Buchenwald — quem acabou por se conseguir impor começaram por ser as forças do movimento operário que se adaptaram às potências ocupantes, executando as suas instruções. O problema não foi que faltasse, da parte do movimento operário, prontidão para lutar pelos seus objectivos — nem a Leste nem a Oeste."*

A concluir, o **autor desta nota** fez esta pergunta: "*Que lições se podem, ou melhor, se devem tirar da "Declaração"?*". Enquanto a classe capitalista e os seus partidos estiverem no poder, eles

não hesitarão em recorrer ao "Estado forte", à ditadura, à opressão e a regimes fascistas. As resistências com que a "Declaração" se deparou "*conhecemo-las nós hoje igualmente: são orquestradas pelos descendentes políticos das mesmas forças que, há 80 anos, tudo fizeram para impossibilitar a frente única dos trabalhadores que era necessária, os mesmos que, em 1914, celebraram a "união nacional" e hoje voltam a aderir a ela. O que é, portanto, necessário é a luta independente do movimento operário, livre das algemas de "uniões nacionais" e determinando a sua própria acção – a luta pelo socialismo. Se o capitalismo fosse um horizonte insuperável, as condições para o socialismo não estariam maduras. O capitalismo garantiria o desenvolvimento da humanidade. A guerra imperialista global e a luta de classes internacional revelam, contudo, não desenvolvimento humano, mas o seu contrário: o caminho para a barbárie e a própria barbárie. Diante de nós ergue-se, pois, a alternativa: "socialismo ou barbárie"*! ●

H.-W. Schuster,
14 de Outubro de 2025

(1) Cf. *A internacional*, nº 36, pp. 33-36.

(2) A associação Les Amis d'*Arbeiter und Soldat* tem a missão de fazer investigação aprofundada que leve à identificação de outros nomes e seus percursos. Outro tanto para os operários alemães em uniforme executados ou mandados para a frente Leste organizados em torno do jornal clandestino *Arbeiter und Soldat* (Operário e Soldado). Os nomes lidos por Claudius Naumann, membro do comité directivo da associação, figuram no final do relatório.

(3) Todos os discurso proferidos em Buchenwald e contribuições apresentadas em Weimar serão publicados em francês e alemão pela associação Les Amis d'*Arbeiter und Soldat*, podendo ser encomendados (uma vez impressos) em arbeiterundsoldat@gmail.com. Para mais informação, consultar https://arbeiter-und-soldat.org/fr/ ou https://arbeiter-und-soldat.org/de/

(4) Exposição completa em:

Robert Hirsch/Henri Le Dem/François Preneau: *résistance antinazie, ouvrière et internationaliste. De Nantes à Brest, les trotskistes dans la guerre (1939-1945)*, Édition Syllepse, Paris 2023.

(5) Exaustivamente ventilado por Jan Willem Stutje: *Folterfabriek Buchenwald*. Amsterdam, 2024.

(6) As cores referem-se ao triângulo aposto no uniforme dos detidos: comunistas (vermelho), criminosos (verde), homossexuais (rosa).

Nomes dos militantes Internacionalistas e militantes assassinados, falecidos ou desaparecidos em Buchenwald entre 1940 e 1945:

Georges Barthomé
Yves Bodenez
Constant Boucault
Henri Colliard
Leib Ehrlich
André Floch
Albert Goavec
Walter Herz
Marcel Hic
Eduard Kalischer
Erich Melcher
Fritz Reuter
Werner Scholem
Walter Winter

Sobreviveram:

Henri Barthomé
Marcel Baufrère
Jean-René Chauvin
Matthias Corvin
André Darley
Ernst Federn
Roland Filiâtre
Karl Fischer
Philippe Fournié
Florent Galloy
Gerhard Grabs
Gustav Gronich
Fritz Ohlhof
Erich Persson
Karl Plättner
David Rousset
Gérard Trevien

Militantes que sobreviveram a Ravensbrück:

Anna Kervella
Marguerite Metayer
Eliane Ronël

Entre os camaradas assassinados em França :

Martin Monath
Robert Cruau

Manifestação comemorativa em Buchenwald, 11 de Outubro de 2025

● DEBATE

O que é o grupo "Révolution permanente"?

Révolution permanente (RP) é um grupo francês ligado ao Partido dos Trabalhadores Socialistas (PTS) da Argentina, partido saído da crise do corrente morenista[1] que apareceu na cena política há alguns anos. O seu porta-voz, Anasse Kazib, construiu a sua notoriedade como animador numa emissão televisiva. Activa nas redes sociais (RP optou por não ter jornal), a organização reivindica 500 militantes, presentes nas universidades, entre os advogados e em alguns sindicatos. RP não hesita em fazer referência à IVª Internacional, ao trotskismo, ao movimento operário, etc.

Publicamos de seguida extractos de uma brochura redigida pela secção francesa da IVª Internacional com o objectivo de responder às interrogações dos camaradas: a política de RP corresponde àquilo que se pode e deve esperar de uma organização que se reclame da IVª Internacional? E em que medida as suas posições coincidem ou, pelo contrário, se distinguem das nossas?

É uma demonstração que pode ser útil também fora das fronteiras de França.

Révolution permanente e "social-chauvinismo"

Se há questão que constitui linha de demarcação para uma organização que se reclame da IVª Internacional, é a da guerra imperialista. Já o era há mais de cem anos, na época em que Lenin salientava que não era possível lutar consequentemente contra a guerra imperialista sem lutar pelo derrube dos governos fautores de guerra, por um lado, e sem um combate de demarcação do "social-chauvinismo" no movimento operário, por outro.

Nos últimos anos, a secção francesa da IVª Internacional (a Tendência Comunista Internacionalista do *Parti des Travailleurs*) tem dado a conhecer e denunciado as constantes votações dos deputados do PS e de LFI[2] no Parlamento Europeu a favor de resoluções de apoio à NATO, do envio de armamento para a Ucrânia, resoluções que recomendam o aumento dos orçamentos militares, etc. Também temos denunciado quem – do PS a LFI – alinhou com Macron quando este se pronunciou a favor do envio de tropas francesas para a Ucrânia. Assim, Sophia Chikirou, em nome de LFI, declarou na Assembleia Nacional, em 12 de Março de 2025: "*Assim, somos a favor do envio de uma força de interposição que inclua tropas francesas, sob a égide da ONU.*"

E quanto a RP? A 19 de Abril de 2025, na sua publicação teórica *online*, RP publicou um longo artigo de referência, intitulado: "Será realmente a *France insoumise* um travão à militarização?"

Apesar das onze páginas, os redactores de RP não dedicam uma única linha às votações dos eurodeputados de LFI a favor da guerra da NATO na Ucrânia, nem à posição de Chikirou a favor do envio de tropas francesas para a Ucrânia "sob a égide da ONU".

A propósito: a própria Ucrânia está praticamente ausente do artigo de RP. Não haverá, a três horas de voo de Paris, uma guerra alimentada pela OTAN e que opõe dois grupos de bandidos imperialistas? Haverá genocídio em Gaza – contra o qual RP mobiliza –, mas não guerra na Ucrânia, sobre a qual RP é mais discreta? Não haverá ameaças de guerra dos Estados Unidos contra a China[3]? Estarão todos estes fenómenos isolados uns dos outros? Não: é uma e a mesma guerra imperialista global, produto da agonia do regime capitalista assente na propriedade privada dos meios de produção.

Sim, RP critica LFI quanto à guerra: "*Se* La France insoumise *se opõe à militarização em curso, o desacordo é mais quanto à natureza das verbas investidas e à orientação decidida por Emmanuel Macron para o imperialismo francês do que quanto à questão do rearmamento strictu senso.*" Acrescentando RP:

"*A oposição de LFI aos planos de armamento europeus tem mais que ver com um "anti-atlantismo" que se opõe à dependência do imperialismo francês dos Estados Unidos do que com um anti-imperialismo e um antimilitarismo consequentes.*"

Para RP, LFI "*opõe-se à militarização em curso*" e "*aos planos de armamento europeus*"... mas não por boas razões. Como é possível escrever inverdades tais? Além do apoio incondicional à NATO, a resolução de 1 de Março de 2022 — a primeira das mais de trinta votadas por LFI e pelo PS no Parlamento Europeu — pronuncia-se a favor de "*solicitar aos Estados-Membros* (da UE — ndr) *que aumentem as suas despesas em matéria de defesa*". O que, desde 2022, todos os Estados fizeram, seguindo o exemplo de Macron. É isso "*opor-se à militarização*"?

Porquê a dissimulação?

A cobertura da política pró-imperialista de LFI vai tão longe que, durante um debate com Mathilde Panot (LFI) na Festa de *L'Humanité*, em 13 de Setembro, Anasse Kazib denunciou o apoio ao envio de tropas para a Ucrâ-

clarou: "*Olivier Faure diz que é a favor do envio de militares franceses para a Ucrânia. Nem Macron é tão explícito*".

Deixemos de lado o facto de Macron ser "tão explícito" a favor do envio de tropas para a Ucrânia após um hipotético cessar-fogo. As tropas francesas supervisionariam o acordo de pilhagem do sub-solo ucraniano exigido por Trump e servilmente aceite por Zelensky. E todos aqueles que, à "esquerda", do PS a LFI, se pronunciam pelo envio de tropas francesas serão, nesse caso, cúmplices deste novo golpe contra o povo ucraniano.

Para Kazib, condene-se Faure (PS) por apoiar o envio de tropas para a Ucrânia... mas poupe-se Chikirou (LFI), que defende exactamente a mesma posição. Repitamos a pergunta: porquê a dissimulação?

De forma mais geral, lê-se, nas publicações de RP, a 3 de Setembro que "*o PS é uma formação burguesa, que governou durante décadas em alternância com a direita (...). É agora essencial denunciar a sua estratégia de compromisso com a 'macronia' e as ilusões sobre um governo de esquerda passar a estar no poder*" Ou ainda, a 10 de Setembro: "*Contra este partido que mostra todos os dias o seu papel de bóia do regime, é mais do que nunca necessário denunciar as traições do PS, mas também lembrar que nada há a esperar dele: contra aqueles que, como LFI, ressuscitaram um partido morto-vivo por meio de duas grandes alianças eleitorais.*"

Ser o PS um partido institucional apegado à defesa da ordem burguesa, ter a social-democracia passado definitivamente para o campo da ordem burguesa desde que votou os créditos de guerra em Agosto de 1914... não foi preciso aos marxistas esperarem por RP para o saberem.

Ocorre, porém, perguntar donde vem este encarniçamento contra o Partido Socialista, que a própria RP caracteriza como "*partido morto-vivo*"... e donde a indulgência com *La France insoumise*?

Só o PS apoia Macron no envio de tropas para a Ucrânia? É o PS a única "*roda sobressalente*" de Macron, da Vª República e do sistema capitalista? O único veículo das "*ilusões sobre um governo de esquerda passar a ocupar o poder*"?

Então e *La France insoumise*? O que tem RP a dizer sobre esse "movimento gasoso" que há dez anos milita pelo desaparecimento de qualquer critério de classe, depois de teorizar que "*depois de burgueses e proletários, eis-nos no tempo do conflito entre "povo" e "oligarquia"*" (Jean-Luc Mélenchon, *Nouveau peuple, nouvelle gauche*, 2025).

Factos e escritos indicam ser deliberado da parte de RP não querer pôr em causa as votações dos eurodeputados de LFI e as declarações dos seus chefes. Será este silêncio ditado pela vontade de preservar as relações diplomáticas de longa data com a direcção de *La France insoumise*[3]? Que sejam os dirigentes de RP a responder...

Debate entre a dirigente de LFI Mathilde Panot e Anasse Kazib (*Révolution permanente*) na Festa de *L'Humanité*, 13 de Setembro de 2025

Observemos, entretanto, uma coisa: RP faz declarações ruidosas "contra a guerra", "contra o imperialismo"... Muito bem. Mas os militantes da IVª Internacional aprenderam com Lenine que "*os mais perigosos, neste particular, são aqueles que não querem compreender que a luta contra o imperialismo, se não estiver indissoluvelmente ligada à luta contra o oportunismo, é uma frase oca e mentirosa*"[4].

Lenin tem razão, sim: ocas e enganosas são as grandes declarações de quem se ofende com a guerra imperialista, mas protege o social-chauvinismo que permite aos governos fautores de guerra cometerem os seus desmandos. Neste sentido, RP constitui apenas a ala "extrema esquerda" do social-chauvinismo: a que denuncia uma parte dos social-chauvinistas... mas encobre outra parte dos social-chauvinistas. (...)

Révolution permanente e os sindicatos

Cresce na classe operária, ante o regime da Vª República ferido de morte e os seus planos ao serviço dos capitalistas, a aspiração de se levantar contra ele, "*todos juntos, todos ao mesmo tempo*". São aos milhares os militantes sindicais, nomeadamente ao nível de empresa ou serviço, que praticam diariamente a acção comum para conquistar as reivindicações dos trabalhadores. Eles rejeitam, com inteira razão, a estratégia das "jornadas de luta saltitantes" com que, em 2023, os dirigentes conseguiram esgotar e dispersar o poderoso movimento de milhões... e assim salvar a pele de Macron e das instituições.

RP e o seu porta-voz são conhecidos pelo seu discurso muito radical contra as direcções confederais. Querem, como vimos, "*disputar à intersindical o controlo do movimento*".

"*A intersindical acaba sempre por trair todos os trabalhadores*", desfere Kazib em entrevista à Blast (3 de Outubro). Segundo RP,

>>>

● DEBATE

>>>

23 de Maio de 2025: Éric Coquerel, presidente LFI da Comissão do Orçamento da Assembleia Nacional, acolhe Myriam Bregman, deputada do PTS argentino

à táctica dos dias de acção sem futuro posta em prática pelos dirigentes, é necessário opor "*uma crítica radical das estratégias da burocracia sindical*" e "*injectar sangue novo, combatividade*"... Concretamente, o que isto quer dizer? A 18 de Setembro, na manifestação de Paris, e a seguir, em 2 de Outubro, RP levou à prática a sua política de "*disputar o controlo do movimento à intersindical*", puxando algumas centenas de jovens e trabalhadores para trás de uma faixa com os dizeres "Greve geral; Macron, demissão", enfiada à frente do cortejo, à frente da faixa da intersindical. De notar que, parecendo não ter assimilado toda a subtileza da política de RP, dezenas de milhares de trabalhadores marcharam, pela sua parte, nos respectivos cortejos sindicais, com as suas reivindicações.

Compreendemo-los: até que ponto reunir algumas centenas de manifestantes atrás de uma faixa com os dizeres de "Greve geral" ajuda a reunir condições que permitem fazer disparar a greve geral? Como é que apelar aos trabalhadores para abandonarem os cortejos das organizações sindicais reforça a unidade dos trabalhadores e ajuda a prepará-los para saltar por cima dos obstáculos erguidos pelos aparelhos? É o contrário: pôr uma parte dos trabalhadores a afastarem-se das organizações sindicais é acrescentar divisão à divisão. Deixando, entretanto, na prática, as mãos livres aos dirigentes. E pondo um sinal de igual entre organizações operárias e direcções. (…)

O que é a frente única operária?

Em que consiste, na verdade, a política da frente única operária, a estratégia elaborada durante os 3º e o 4º congressos da Internacional Comunista inspirada na política de Lenine entre Abril e Outubro de 1917 e reivindicada, desde 1938, pela IVª Internacional no seu programa fundacional?

Nas teses de 2 de Março de 1922 sobre *A frente única e o comunismo em França*, Leon Trotsky recorda que "*o objectivo do Partido Comunista é dirigir a revolução proletária. Para levar o proletariado à conquista directa do poder e a efectuar essa conquista, o Partido Comunista tem de se apoiar na maioria esmagadora da classe operária. Enquanto não tiver essa maioria, tem de lutar para conquistá-la.*"

A condição para levar esta estratégia à prática, esclarece Trotsky, é que o partido revolucionário se constitua como "*organização totalmente independente, dotada de um programa claro e de uma disciplina interna muito severa*".

Em períodos em que as oposições entre as classes se intensificam, escreve Trotsky, "*as massas operárias sentem a necessidade de unidade nas acções, de unidade defensiva contra o ataque do capital, assim como de unidade na ofensiva contra ele.*"

Por isso, acrescenta ele, a frente única nada tem que ver com "*uma questão de relações entre os grupos parlamentares comunista e socialista, entre os comités centrais de um e do outro partido*". Em 2025, poderíamos acrescentar: a frente única não é uma simples soma de siglas num comunicado. É uma estratégia que surge da "*necessidade de garantir à classe operária a possibilidade de uma frente única na luta contra o capital, apesar da divisão, fatal na época actual, das organizações políticas que têm o apoio da classe operária*". Poder-se-ia acrescentar, em 2025: "*Apesar da divisão fatal das organizações sindicais que agrupam uma parte da classe operária*".

Se bem que dizendo que, em 1922, os comunistas estão em minoria na classe trabalhadora, Trotsky lembra que "*é absolutamente evidente que os trabalhadores que ainda apoiam os reformistas e os centristas estão tão interessados como os comunistas em defender melhores condições de vida material e possibilidades de luta superiores*". Em tais condições, é vital que o partido revolucionário "*não apareça hoje como – e, sobretudo, não seja de facto – um obstáculo à luta quotidiana do proletariado*".

À pergunta se a frente única se deve limitar aos trabalhadores "de base" ou abranger também as organizações e os seus chefes reformistas e oportunistas, Trotsky responde que "*os reformistas têm medo do potencial impulso revolucionário do movimento das massas; a tribuna parlamentar, os escritórios dos sindicatos, os tribunais arbitrais, as antecâmaras*

dos ministérios são as suas arenas favoritas. Nós, pelo contrário, estamos, acima de quaisquer outras considerações, interessados em tirar os reformistas das suas tocas e pô-los ao nosso lado, na frente das massas em luta."

Uma política de frente única não consiste, portanto, nem em "pressionar" os dirigentes reformistas e oportunistas, nem em denunciar o seu carácter traidor. Visa ajudar as massas – incluindo a parte delas que ainda confia nos dirigentes reformistas e oportunistas – a mobilizar-se para imporem aos "seus" dirigentes a ruptura com a burguesia. Política tanto mais necessária para uma corrente política que não represente a maioria da classe operária.

Não existe "receita de cozinha" de política de frente única operária. O que há são princípios orientadores da sua aplicação prática em circunstâncias determinadas, que não são as mesmas em 2025 que eram em 1922.

Uma política de frente única digna desse nome presume: 1) que o partido operário revolucionário se constrói de forma totalmente independente da política dos aparelhos dirigentes; 2) que se ajuda a formular as reivindicações, as palavras de ordem, "*por mais modestas que sejam*" à partida, permitindo aos trabalhadores realizarem a sua unidade de classe; 3) que se ajuda os trabalhadores a realizarem a sua unidade, com as suas organizações (arrastando os seus dirigentes reformistas e oportunistas e submergindo "de baixo para cima" a política de divisão destes) e a enfrentarem a burguesia e o seu Estado, "classe contra classe".

Uma política de frente única não visa, portanto, "*disputar o controle do movimento à intersindical*", ou seja, autoproclamar-se "direcção alternativa". Serve para disputar aos dirigentes reformistas a confiança dos trabalhadores, dando-lhes justamente confiança nas suas próprias forças, na sua capacidade de "*andar para a frente, por modestas que fossem as palavras de ordem iniciais da luta*".

Dividir a classe operária entre "brancos" e "negros e árabes"?

A luta pela frente única operária, pela unidade da classe trabalhadora, exige que o partido operário revolucionário lute incansavelmente contra todas as formas de divisão. Não apenas aquelas que emanam da política dos aparelhos, mas também aquelas que emanam da decomposição da sociedade capitalista, que alimenta e agrava a dupla opressão das mulheres, o racismo e as discriminações de todos os géneros.

Combater a divisão é também rejeitar toda a forma de comunitarismo (que puxa pela unidade entre explorados e exploradores com base em critérios de cor da pele, origem, religião, género, orientação sexual, etc.) e promover sistematicamente a unidade de classe entre todos os explorados contra a classe exploradora.

Que posição toma RP sobre esta questão particularmente sensível? A 13 de setembro, na festa de *L'Humanité*, o porta-voz de RP foi convidado, enquanto tal, a debater com Mathilde Panot, chefe do grupo parlamentar de *La France insoumise*. Declarou Anasse Kazib: "*Eu acho que temos um papel central*[5]. *Por que o digo? Principalmente porque a classe trabalhadora está, também ela, em grande parte, racializada. Os motoristas de autocarro, de metro, os funcionários de limpeza, pedreiros, os da indústria agro-alimentar, da logística.*"

A questão dos milhões de trabalhadores imigrantes ou com raízes na imigração, que constituem a fracção mais explorada da classe trabalhadora, é obviamente uma questão da maior importância para uma organização revolucionária. Ao contrário dos dirigentes dos partidos de "esquerda" e dos aparelhos sindicais, que, na melhor das hipóteses, ignoram estas categorias, se é que não repetem o discurso nauseabundo sobre o suposto "problema da imigração", os militantes revolucionários reivindicam a igualdade de direitos em todos os domínios (incluindo o direito de voto) e a regularização de todos os trabalhadores "sem papéis". Assim é a política da secção francesa da IVª Internacional.

Mas não é essa a política que o porta-voz da RP propõe, quando declara que "*Quanto à idade da reforma, a mulher de origem marfinense que veio para França aos 35 anos, que sabe que descontou durante 43 anos, quer lá saber do "não aos 64 anos", quer lá saber do "não aos 62 anos". Ela sabe que, calculando as 43 anuidades, se irá embora aos 70 anos. Talvez nem sequer se vá embora com a pensão, porque, se não lhe renovarem o título de residência de 10 anos, vai acabar por ter de se pôr a andar qualquer dia.*"

A ver se percebemos: as reivindicações comuns a toda a classe operária (por exemplo, sobre a reforma das pensões) não afectam a trabalhadora imigrante. A pretexto de os trabalhadores imigrantes serem os mais explorados, não lhes interessa defender uma conquista operária?

Mas há muito mais. Kazib continua: "*Porque os árabes e os negros não são uns incapazes. As mulheres de limpeza do hotel Ibis fizeram 22 meses* [de greve – nota do editor]. *Quem é que faz 22 meses aqui pela classe operária branca? É preciso deixar de pensar que os negros e os árabes não participam nas manifestações por terem medo, por não estarem interessados. Não, é porque não há nenhuma reivindicação que lhes dê vontade de participar, porque se anda a dizer que não se fala deles.*"

A forma demagógica da linguagem aqui usada está relacionada com o conteúdo político que é desenvolvido. Então há uma "*classe operária branca*", de um lado, e "*os negros e os árabes*" (que não são "*incapazes*", como Kazib[6] com elegância nos elucida), do outro. O que interessa então é pô-los a concorrer para ver quem é mais combativo, "brancos" ou "negros e árabes"?

Esta demagogia é perfeitamente reaccionária, comunitarista, alimentando – conscientemente ou não – a política racista de divisão da burguesia. Todos os trabalhadores sabem muito bem

>>>

● DEBATE

>>> que, apesar da campanha permanente de divisão e estigmatização dos "estrangeiros", dos "imigrantes", dos "muçulmanos", etc., a realidade da luta de classes no nosso país faz com que, na imensa maioria dos casos, trabalhadores "franceses" e "imigrantes", de todas as religiões ou sem nenhuma religião, se encontrem lado a lado nas greves, nas manifestações operárias, nos sindicatos, etc.

Em vez de destacar o que une no terreno de classe, RP destaca o que contribui para dividir. (...)

Que partido, para que saída política?

Que perspectiva política propõe *Révolution permanente*? E que partido propõe RP construir para avançar nessa perspectiva?

Na assembleia de 27 de Setembro, Elsa Marcel formula uma resposta a esta última pergunta. Criticando LFI, que se contenta em esperar pelas próximas eleições presidenciais, Elsa Marcel avança as seguintes palavras de ordem: "*Levantar reivindicações democráticas muito mais radicais: acabar com a figura presidencial, acabar com o Senado, com o Conselho Constitucional e conquistar uma assembleia única, composta por deputados revogáveis, pagos ao salário de um operário qualificado, sob o controlo da população.*"

No debate com Mathilde Panot (LFI) na festa de *L'Huma*, em 13 de Setembro, Anasse Kazib esmiuçara estas propostas: "*Se fizermos cair o presidente da República com um programa democrático radical, ou seja, Macron fora, mas para nunca mais voltar nenhum presidente da República, penso que ficamos numa situação política totalmente diferente (...).* [Tem de se] *ir muito além da simples demissão de Emmanuel Macron, impor o fim da figura presidencial e começar a impor modalidades revogatórias, os mandatos serem de dois anos, um deputado ter o salário de um operário, para não fazer disso política, para não haver gente com 70, 75 anos e tal em cima e com X e X mandatos cumpridos*".

Analisemos atentamente a perspectiva política que RP propõe. É uma perspectiva que se reduz, na realidade, a algumas reivindicações estritamente democráticas: fim da função presidencial, abolição do Senado, Assembleia única eleita por dois anos, revogabilidade dos eleitos e limitação das suas remunerações. Repare-se que, em nenhum momento, a perspectiva que RP abre dá conteúdo social à luta contra as instituições. É preciso acabar com o poder pessoal... sem relação com o facto de o presidente-Bonaparte ser um instrumento da dominação do capital.

É o que Kazib chama "*um programa democrático radical*". Moderadamente "radical", para dizer a verdade, já que nem reivindica o derrube da Vª República (palavra de ordem democrática elementar, que abrange o fim da função presidencial, a abolição do Senado, etc.).

Além destas poucas medidas democráticas extremamente limitadas, em vão se procurarão no discurso de RP referências à perspectiva de derrube do sistema capitalista e de luta pelo socialismo. Tão-pouco há a perspectiva de um governo dos trabalhadores, nem da mínima medida de urgência que ele houvesse de tomar para salvar o povo trabalhador. Nada sobre a necessidade de confiscar o orçamento militar nem os 300 mil milhões de euros anualmente pagos pelo Estado aos capitalistas, nada sobre a requisição de empresas que despeçam, nada sobre a proibição dos despedimentos, etc.

Révolution permanente contra a revolução permanente

Por uma ironia sem dúvida involuntária, este grupo, que escolheu para si o nome de "Revolução Permanente", não tem, como se vê, outra perspectiva a oferecer senão a velha posição social-democrata da "revolução por etapas", defendida em 1917 pelos mencheviques e retomada no final da década de 1920 pelos estalinistas contra a teoria marxista da revolução permanente!

Não se pode deixar de reparar que RP, que apresentava a perspectiva de um "Partido Revolucionário dos Trabalhadores", se contenta hoje com uma vaga fórmula sobre a necessidade de uma "esquerda revolucionária", da qual se compreende, nas entrelinhas, que poderia ter um pé em LFI e outro fora.

Como se vê, não basta falar da revolução com voz forte para desenvolver uma política revolucionária. ●

10 de Outubro de 2025

(1) Corrente política que se reivindica do trotskismo, do nome do seu dirigente Nahuel Moreno (1924-1987), dirigente do Partido Socialista dos Trabalhadores (PST) da Argentina. Após a morte de Moreno, esta corrente dividiu-se em vários grupos internacionais.

(2) O PS é o Partido Socialista Francês; LFI designa "*La France insoumise*", movimento político lançado por Jean-Luc Mélenchon.

(3) A respeito da China, note-se que a organização irmã de RP na Alemanha, na apresentação do programa do seu acampamento de verão de 2025, escreveu: "É a China imperialista? (...) A caracterização da China como imperialista também é alvo de aceso debate na FT" [ou seja, no grupo internacional de que RP é membro – nota do editor]. Todos os membros da "FT" consideram que a China se tornou "capitalista", mas nem todos concordam se ela se tornou "imperialista". Noutra ocasião focaremos o significado desta caracterização por parte de uma organização que se reivindica do trotskismo.

(4) Citemos, designadamente: o convite de Anasse Kazib para um colóquio no Parlamento Europeu, em 28-29 de Abril, por Rima Hassan (LFI); a recepção, com grande pompa, na Assembleia Nacional, da deputada e dirigente do PTS argentino, Myriam Bregman, por Éric Coquerel (LFI), no final de Maio de 2025; o debate entre Anasse Kazib e Mathilde Panot (LFI) na Festa de *L'Huma* em 13 de Setembro, etc.

(5) *O imperialismo, estádio supremo do capitalismo*, 1916.

(6) Mas "nós", quem, afinal? Se bem se entende, "nós" serão aqueles que Kazib designa como "racializados".

(7) Mas quem são os "incapazes", então? A "classe operária branca", para usar a terminologia de Kazib?

A Internacional
publica-se em versão alemã, árabe, espanhola, francesa, húngara, inglesa, italiana, portuguesa, russa e turca.